

VIRTUALIDADES E RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

*estudos multigrupais em aplicativos
de geolocalização*

Central de Notificações



Não deixe seu like esperando



Alguém lhe deu um tap



Você tem uma nova mensagem

Leogildo Alves Freires
Rodolfo Duarte da Silva
José Anderson da Costa Silva
Heitor Marinho da Silva Araújo
(Org.)

VIRTUALIDADES E RELAÇÕES
AFETIVO-SEXUAIS:
estudos multigrupais nos aplicativos de
geolocalização

 **Edufal**
Editora da Universidade Federal de Alagoas

Maceió/AL
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

Eraldo de Souza Ferraz

Conselho Editorial Edufal

Eraldo de Souza Ferraz - Presidente

Fernanda Lins de Lima - Secretária

Alex Souza Oliveira

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Cristiane Cyrino Estevão

Elias André da Silva

Felipe Ernesto Barros

José Ivamilson Silva Barbalho

José Márcio de Moraes Oliveira

Juliana Roberta Theodoro de Lima

Júlio Cezar Gaudêncio da Silva

Mário Jorge Jucá

Muller Ribeiro Andrade

Rafael André de Barros

Tobias Maia de Albuquerque Mariz

Walter Matias Lima

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima – Coordenação

Mariana Lessa de Santana – Diagramação

Roselito de Oliveira Santos – Registros e catalogação

Conselho Científico da Edufal

César Picón - Cátedra Latino-Americana e Caribenha (UNAE)

Gian Carlo de Melo Silva – Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

José Ignacio Cruz Orozco - Universidade de Valência - Espanha

Juan Manuel Fernández Soria - Universidade de Valência - Espanha

Junot Cornélio Matos – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Nanci Helena Rebouças Franco – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Patricia Delgado Granados - Universidade de Sevilla-Espanha

Paulo Manuel Teixeira Marinho – Universidade do Porto - Portugal

Wilfredo Garcia Felipe - Universidad Nacional de Educación (UNAE)

Projeto gráfico e Editoração

JDMM

Capa

Luiz Filipe Silva Martins

Revisão de Língua Portuguesa

Fátima Caroline Pereira de Almeida Ribeiro

Revisão da ABNT

Fátima Caroline Pereira de Almeida Ribeiro

Catalogação na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecário responsável: Roselito de Oliveira Santos – CRB-4 – 1633

- V819 Virtualidades e relações afetivo-sexuais: estudosmultigrupais em aplicativos de geolocalização. / Organizadores: Leogildo Alves Freire, Rodolfo Duarte Silva, José Anderson da Costa Silva et al. — Maceió : Edufal, 2024. 153 p.
- Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5624-285-9. E-book
- 1.Relações Afetivo-sexuais 2.Aplicativos de relacionamento 3. Geolocalização de pessoas . I. Heitor Marinho da Silva Araújo (Org.). II. Título.

CDU: 159.9:37

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas

Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões

CIC - Centro de Interesse Comunitário

Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970

Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Elder Cerqueira-Santos

7

APRESENTAÇÃO

Leogildo Alves Freires

Rodolfo Duarte da Silva

José Anderson da Costa Silva

Heitor Marinho da Silva Araújo

10

SEÇÃO I - NÃO DEIXE SEU 'LIKE' ESPERANDO

CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DE UM APLICATIVO PARA RELACIONAMENTOS

João Victor Pessanha Ferreira

Marck de Souza Torres

Sheyla Christine Santos Fernandes

16

CAPÍTULO 2. MOTIVAÇÃO E INTENÇÃO PARA USO DO APLICATIVO 'LIKE'

Laís Rosa e Silva Oliveira Santos

Luan Filipy Freire Torres

João Victor Pessanha Ferreira

Sheyla Christine Santos Fernandes

25

CAPÍTULO 3. "MAS OLHA SÓ QUE IRONIA... VIVER UM AMOR EM PLENA PANDEMIA"

Elen de Souza Rangel

Laís Rosa e Silva Oliveira Santos

Luan Filipy Freire Torres

Julio Cezar de Albuquerque

39



**CAPÍTULO 4. PARA ALÉM DA MATRIZ CIS-
HETERONORMATIVA: VISIBILIZANDO PESSOAS BI,
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS, QUEERS E NÃO BINÁRIAS**

Rodolfo Duarte da Silva
Leogildo Alves Freires
José Anderson da Costa Silva
Isabellí Geovanutti Farias de Souza

49

SEÇÃO II - ALGUÉM LHE DEU UM 'TAP'

**CAPÍTULO 5. O QUE É E COMO O 'TAP' É UTILIZADO PELA
COMUNIDADE DE USUÁRIOS/AS E PELA LITERATURA
CIENTÍFICA?**

Alessandro Teixeira Rezende
Willamys da Costa Melo

60

**CAPÍTULO 6. UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE PERFIS DE
HOMENS GAYS NORDESTINOS NO 'TAP' E NO 'LIKE'**

José Anderson da Costa Silva Filho
Heitor Marinho da Silva Araújo

83

**CAPÍTULO 7. RELATOS DE HOMENS GAYS E BISSEXUAIS
SOBRE O USO DO TAP E DO LIKE DURANTE E PÓS-
PANDEMIA DA COVID-19**

Arthur Silva Lima
Eduardo Wesley Marcolino da Silva
Layrtthon Carlos de Oliveira Santos

96

**CAPÍTULO 8. USUÁRIOS DO 'BARE'? PROCESSOS DE
ADOÇÃO E REJEIÇÃO DE ESTRATÉGIAS PROFILÁTICAS
ÀS ISTS NO TAP**

Cristóvão Alves de Souza Filho
Leogildo Alves Freires
Layrtthon Carlos de Oliveira Santos

109



SEÇÃO III - VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM

CAPÍTULO 9. WAPA: DESVELANDO UM APLICATIVO DE GEOLOCALIZAÇÃO PARA MULHERES LÉSBICAS E BISEXUAIS

Gabrielly Maria Argolo Acioly
Marília Creisiele Santos
Cleane Lacerda do Nascimento

119

CAPÍTULO 10. A EXPRESSÃO DO DESEJO AFETIVO E/OU SEXUAL DE MULHERES LÉSBICAS NO NORDESTE: UMA ANÁLISE DE PERFIS NO LIKE E NO WAPA NO CONTEXTO PANDÊMICO

Cleane Lacerda do Nascimento

126

CAPÍTULO 11. “QUEM SABE AONDE ISSO VAI LEVAR?”: RELATOS DE MULHERES LÉSBICAS E BISEXUAIS USUÁRIAS DOS APLICATIVOS WAPA E LIKE

Marília Creisiele Santos
Rodolfo Duarte da Silva

137

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

148



PREFÁCIO

Ao receber o manuscrito desse livro e ser convidado a escrever tal prefácio, não hesitei em aceitar e iniciar a leitura rapidamente. Seria difícil dizer quem da área de estudos da sexualidade humana não se interessaria por tal assunto. Além disso, a escassez de textos em língua portuguesa sobre o tema provoca uma sede de conhecimento e uma série de perguntas sobre como as pessoas utilizam e pensam os aplicativos de relacionamento.

Além de estudioso do tema, sou um homem gay na casa dos 40 anos, o que significa que grande parte da minha socialização sexual passou em alguma medida pelos ambientes virtuais, mesmo antes de tais aplicativos ou até mesmo dos Smartphones. Acredito que a minha primeira lembrança de uma mediação tecnológica no campo dos relacionamentos é de um serviço telefônico chamado disque-amizade, onde um grupo de cerca de 10 usuários ligava para um mesmo número e participava de uma espécie de rodízio de alguns segundos com outro usuário. Rudimentar, mas funcionava! Acreditem! Significava a possibilidade de sair de uma bolha, de contactar “outro mundo”, talvez ouvir alguma pornografa do outro lado, se excitar e imaginar um outro lugar.



Na distante década de 1980, não se imaginava a revolução tecnológica que viveríamos hoje, com o “mundo na palma da mão” e um contato com um tap ou clique. No meio do caminho, surgiram salas de bate-papo, icq, msn, sites de *Parideal* e outros que ajudaram a formar um caminho de familiaridade e naturalização. No entanto, assim como o disque-amizade dos anos 80, os aplicativos atuais não escapam de um julgamento e seus usuários de certo preconceito. No surgimento destas tecnologias, poucas pessoas admitiam usar ou ter conhecido alguém por esse meio. Quase um submundo para quem fracassou na “vida real”. Até que enfim entendemos que tais tecnologias são a “vida real”. Toda uma geração tem sido socializada dessa forma e como disse no início desse texto, o assunto não escapa à quase ninguém.

Cabe destacar que, de fato, o início destas tecnologias foi marcado por um caráter de “marginalidade”, onde circulavam temas como traição, prostituição, fetichismo e outros. Notadamente, grupos minorizados (antes mesmo do uso de tal termo), conseguiram sair dos ambientes de recriminação das suas práticas sexuais e souberam utilizar de forma vanguardista os aplicativos, especialmente homens gay e bissexuais, mas também toda a comunidade LGBTQIA+¹. Obviamente, estão implicados aí os encontros secretos e sombrios, o que foi bastante julgado como possibilidade de exercício de uma suposta promiscuidade, que migrava de boates e saunas para os telefones celulares. Tal fama tem uma parte de verdade, mas outra parte que representou o avanço de possibilidades de interações

1 Sigla que abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais, Agêneros, Pansexuais e Não Binárias, entre outras.



afetivas genuínas, trocas culturais, inclusão de minorias, conversas terapêuticas, amizades etc.

É importante pensar, como propõe esse livro, que a mesma facilidade aberta pelo uso dos aplicativos (apps) para conhecer alguém, também pode ser vista no fenômeno da descartabilidade e fluidez das relações ali estabelecidas. A disponibilidade do catálogo atiza a ideia de que algo melhor está por vir e embriaga os pensamentos com a noção de possibilidade, muitas vezes bloqueando a ideia de que quem ali está é ao mesmo tempo sujeito e objeto, caça e caçador, e até mesmo cliente e vitrine. Neste sentido, efeitos psicológicos do uso dos aplicativos são de fundamental interesse para os estudos no campo, abrindo uma série de possibilidades para a pesquisa, a psicologia social e a clínica. Tal importância aumenta ainda mais a relevância dessa obra para profissionais de psicologia e suas práticas.

Não menos importante, este livro relembra que tudo isso acontece em meio a um mercado dos afetos e do sexo, controlado por grandes empresas e seus algoritmos. Descaradamente transformaram nosso desejo em produto e “vendem” o que nós mesmos produzimos.

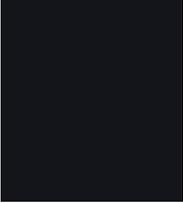
Sem visões maniqueístas do fenômeno aqui abordado, uma realidade está posta e precisamos estudá-la. Este livro é uma ótima iniciativa e uma oportunidade de refletir sobre o que nos move, o nosso desejo.

Boa leitura!

Aracaju, 17 de março de 2024.

Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos





APRESENTAÇÃO

Historicamente, as interrelações cis-heterossexuais têm dominado o debate público, a ponto de se tornarem a norma social vigente até mesmo para a dinâmica das relações homoafetivas. Na contramão dessa matriz cis-hétero-branca-capacitista-colonial dominante, em espaços à margem e ainda invisibilizados, têm florescido algumas narrativas contra-hegemônicas que buscam balançar essa estrutura social. É em face disso que, desde os anos 2000 até a atualidade, vimos a criação e consolidação de direitos civis e humanos voltados aos chamados “grupos minorizados” (Freires; Guerra; Nascimento, 2022; Carmo, 2016).

Como esses autores, consideramos o uso desse termo mais apropriado por apontar que determinados grupos – tais como LGBTQIAPNb+ – não são necessariamente minoritários em termos numéricos, mas socialmente postos na condição de minoria em virtude da falta de acesso a recursos para lidar com condições adversas e garantir vida digna e cidadania aos seus componentes.

Ainda segundo os/as autores/as supracitados/as, o grupo padrão ou de maioria é considerado assim por um desequilíbrio no acesso ao poder, fazendo com que aqueles/as que não



têm recursos estejam em situação de vulnerabilidade social. Corroborando esses achados, Rogers e Ballantyne (2008) apontam que diferentes fontes de vulnerabilidade contribuem para a compreensão de um grupo como vulnerável: circunstâncias como pobreza, falta de acesso à educação, saúde etc. caracterizam a vulnerabilidade extrínseca. Por outro lado, características que localizam os membros de um grupo como diferentes (pessoas com deficiência, identidades de gênero e orientação sexual contranormativas, raça, etnia, idade, entre outros marcadores sociais) identificam a vulnerabilidade intrínseca.

Infelizmente, nos últimos anos, vivenciamos e resistimos ao avanço de uma ultradireita fundamentalista e conservadora que busca combater tais conquistas. Como estratégia geral, esses grupos neoconservadores costumam recorrer ao pânico moral e se afirmam defensores dos bons costumes, advogando que não são abarcados por expressões *queers* de ser e estar no mundo.

Somem-se a isso os desdobramentos da pandemia de Covid-19 e o necessário processo de isolamento social dela advindo. Por um lado, tais eventos inibiram a interação presencial de pessoas com parceiros congêneres. Por outro, esse contexto resultou em aplicativos de geolocalização para fins afetivos e sexuais passando a funcionar como escape do desejo de sujeitos LGBTQIAPNB+ interagirem entre si para criar, manter e perpetuar vínculos.

Em face dessa conjuntura atual, entendemos como muito relevante falarmos do processo sócio-histórico-cultural de como relações não hétero têm se consolidado. Com isso, cumprimos uma



função militante de reparação para os grupos que a Academia, em dado momento, colocou como objetos de estudo, sem priorizar o devido lugar de enunciação enquanto narradores de sua história em primeira pessoa.

É com esse espírito que apresentamos nosso livro. Ele está dividindo em três seções que buscam visibilizar as expressões, motivações e vivências desses grupos no ambiente virtual. A primeira seção irá se debruçar sobre um aplicativo de geolocalização comumente utilizado por pessoas em busca de parceiros/as afetivo-sexuais, ficticiamente nominado de “like”, nessa oportunidade. No primeiro capítulo, João Victor Pessanha Ferreira, Marck de Souza Torres e Sheyla Christine Santos Fernandes apresentam esse que tem sido o principal aplicativo de relacionamentos no Ocidente, demarcando uma nova forma de expressar o desejo afetivo-sexual nas relações contemporâneas. Logo em seguida, Laís Rosa e Silva Oliveira Santos, Luan Filipy Freire Torres, João Victor Pessanha Ferreira e Sheyla Christine Santos Fernandes apresentam as motivações psicológicas que levam as pessoas a escolher o Like como ferramenta facilitadora de relacionamentos.

Para além de uma apresentação conceitual e de dados motivacionais, a primeira seção do livro também busca compreender e apresentar a concepção de amor para usuáries/ as/os do Like. Como questão norteadora, Elen de Souza Rangel, Laís Rosa e Silva Oliveira Santos, Luan Filipy Freire Torres e Julio Cezar de Albuquerque da Costa nos provocam: afinal, ainda é possível viver uma relação romântica e monogâmica em um contexto de



relações cada vez mais fluidas e difusas?” Já no texto que fecha a primeira parte, Rodolfo Duarte da Silva, Leogildo Alves Freires, José Anderson da Costa Silva e Isabellí Geovanutti Farias de Souza falam de relações não hétero e contranormativas, a fim de entender como, para além do binarismo hétero-homo e homem-mulher, as pessoas têm interagido entre si utilizando o Like.

A segunda seção irá se debruçar sobre um aplicativo de geolocalização majoritariamente utilizado por gays, bissexuais, trans e queer, ficticiamente nominado de “TAP”, nesta oportunidade. Alessandro Teixeira Rezende e Willamys da Costa Melo abrem o baile de máscaras, revelando a literatura científica e as especificidades dessa ferramenta fortemente usada para interações sexuais. Como aspecto ressaltado, o texto indica que, entre usuários do TAP, a ideia de afeto e amor romântico não aparece tão fortemente como no outro aplicativo. Em texto alinhado à mesma ideia, José Anderson da Costa Silva Filho e Heitor Marinho da Silva Araújo Filho analisam as biografias de usuários dos dois aplicativos e mostram a existência de uma dicotomia afeto-sexo, indicando sua possibilidade de mensuração.

Essa mesma dicotomia é analisada pela lente dos homens *gays* e bissexuais que compuseram amostra de Arthur Silva Lima, Eduardo Wesley Marcolino da Silva e Layrtthon Carlos de Oliveira Santos. Em seu texto, eles apresentam os resultados de um estudo que perguntou diretamente aos homens como têm sido suas interações nesse aplicativo marcado pelo sigilo e pela norma social heterocisnormativa no contexto pandêmico. Já falando diretamente sobre as interações presenciais, o último texto da



seção, de autoria de Cristóvão Alves de Souza Filho, Leogildo Alves Freires e Layrtthon Carlos de Oliveira Santos, lança luz sobre a prática sexual de risco ou não segura de homens que se conhecem através do TAP, movidos por desejo carnal.

A nossa terceira e última seção contempla um aplicativo de geolocalização majoritariamente utilizado por mulheres lésbicas e bissexuais, nominado de Wapa. Gabrielly Maria Argolo Acioly, Marília Creisiele Santos e Cleane Lacerda do Nascimento começam falando sobre os usos e mecanismos interacionais em volta de um aplicativo apenas para as mulheres – o que, por si, já o torna revolucionário. É também de Cleane Lacerda do Nascimento o texto que compara as diferenças das biografias das usuárias do *Like* e do Wapa para entender como dois aplicativos de nichos convergentes ativam dinâmicas diversas.

Por fim, Marília Creisiele Santos e Rodolfo Duarte da Silva analisam as histórias das usuárias com o aplicativo com fins de entender como o Wapa tem despertado comportamentos e atitudes que rompem com uma heteronormatividade androcêntrica. Agradecemos ao aplicativo Wapa pela colaboração essencial na última seção do escrito. O apoio foi fundamental para que alcançássemos nossos objetivos de pesquisa. Nosso livro, portanto, traz um panorama coeso de estudos e pesquisas multigrupais das relações afetivo-sexuais na década de 2020 em aplicativos de geolocalização.

Leogildo Alves Freires

Rodolfo Duarte da Silva

José Anderson da Costa Silva

Heitor Marinho da Silva Araújo



SEÇÃO I

NÃO DEIXE SEU 'LIKE' ESPERANDO

CAPÍTULO 1

Considerações iniciais acerca de um aplicativo para relacionamentos

João Victor Pessanha Ferreira

Marck de Souza Torres

Sheyla Christine Santos Fernandes

Introdução

Os avanços tecnológicos do século 21 trouxeram à humanidade a capacidade de fazer muitas coisas, como redes sociais, compras e vendas *on-line*, consumo de notícias e informações acessíveis com o toque de um dedo. Sites de tecnologia e redes sociais, em particular, tornaram processos de comunicação interpessoal e de conexões virtuais quase instantâneos. Assim, a tecnologia deu às pessoas oportunidade de iniciar relações *on-line*. Para muitas pessoas, nada ocupa mais o seu tempo do que seus relacionamentos românticos e, com o ritmo cada vez mais acelerado, pessoas têm buscado ferramentas que não seja a tradicional rede de contatos e auxiliem nesse processo (Smith; Madisyn, 2022). O presente capítulo tem como objetivo apresentar o que é o *Like*, as características relacionadas ao seu funcionamento e a dinâmica dos participantes em sua utilização.



“Par perfeito!”

Um relacionamento não cai do céu, mas é planejado na nuvem ao deslizar várias opções de perfis e quem sabe acertar uma flecha no coração de alguém. Essa é a proposta do ‘Like’, não importando ‘se você quer encontrar sua alma gêmea, alguém pra sair ou só uma conversa casual.

O Like, um aplicativo de namoro móvel que ganhou imensa popularidade nos últimos anos, foi lançado em 2012 e hoje é considerado a plataforma mais popular entre as diversas opções de namoro *on-line* disponíveis. Inicialmente fundado de forma privada, o Like foi adquirido pelo Par ideal Group em 2017 por uma quantia significativa, estimada em 1 bilhão de dólares nos EUA. A mais nova estimativa do valor do Like acaba de chegar a 10 bilhões de dólares, com mais de 1,4 bilhão de combinações por dia nos Estados Unidos da América e 50 milhões de usuários em todo mundo. Entre sua base de usuários, cerca de 6,6 milhões de usuários são assinantes pagantes, o que tornou o aplicativo um dos mais rentáveis nas categorias não relacionadas a jogos. Na verdade, o aplicativo é *freemium*, o usuário pode utilizá-lo sem pagar, porém, ao aderir uma assinatura obtém recursos exclusivos, como filtros, omissão de anúncios, perfil impulsionado e a capacidade de identificar quem demonstrou interesse no seu perfil (Lisboa, 2021).

A popularidade do *Like* é fortemente influenciada pelo seu design, que facilita o acesso, pois não é necessário nenhum perfil ou questionário detalhado para criar uma conta, podendo



também ser acessado diretamente com uma conta no *Facebook* (Buyukeren; Makarin; Xiong, 2022). Além disso, por ser um aplicativo para telefones móveis, possui características únicas, como acesso à geolocalização. A principal função do *Like* é ajudar pessoas a encontrar um potencial parceiro romântico e/ou sexual, filtrando por preferências como sexo, orientação sexual, idade e localização. Com um simples “deslizar” do dedo, os usuários podem “curtir” ou rejeitar os perfis que são propostos em sua redondeza, conforme demarcação geográfica.

De acordo com informações do próprio FAQ (Perguntas frequentes) do aplicativo, desde o seu desenvolvimento em 2012, assinaturas foram disponibilizadas com recursos extras para o usuário que optasse pagar por elas. Em contraste com a versão gratuita, essas assinaturas concedem aos usuários um número ilimitado de curtidas por dia (contra 50 a cada 12 horas na versão gratuita), possibilitando alterar a geolocalização (recurso denominado Passaporte), ser um dos principais perfis da sua área durante 30 minutos (*Boost*), voltar perfil de não conhecidos (*Rewind*), avisar uma potencial combinação (*Par ideal*) que possui interesse através de um destaque (5 *Muito interesse* contra um por dia na versão gratuita), ver quem “gosta” do usuário antes de decidir se gosta dele ou não, destacando as correspondências potenciais mais dignas de acontecer combinação entre os usuários (Rochat *et al.*, 2023).

O modo de funcionamento do *Like* pode ser comparado à dinâmica de um observador em uma balada virtual, onde o



usuário se posiciona na pista de dança para ser julgado por outros desconhecidos e, ao mesmo tempo, encontra entretenimento em olhar ao redor e formar as primeiras impressões sobre os outros. No entanto, existem diferenças significativas em relação a uma balada real: (1) O outro usuário não pode ser visto enquanto está sendo observado e se esconde até dar um passo à frente com um like; (2) Tanto a primeira impressão do usuário quanto a do outro são baseadas em uma ou mais imagens estáticas; (3) O número de potenciais pretendentes é muito maior. Essas características distintas do *Like* em relação a uma balada real contribuem para uma experiência única de interação social *on-line* (Degen & Kleeberg-Niepage, 2022).

A literatura existente sobre o uso do *Like* aborda tanto seus benefícios quanto suas desvantagens. Apesar da prevalência da busca por sexo casual entre os usuários, é crucial reconhecer que muitos também estão interessados em relacionamentos amorosos. A homossexualidade, que envolve atividades sexuais fora de um compromisso romântico, surgiu como o principal indicador de sexo casual no contexto do *Like*. Houve uma distinção nos objetivos sexuais de acordo com o gênero, com homens utilizando a plataforma principalmente para encontros casuais, em contraste com as mulheres. Além disso, comparativamente a outros aplicativos de namoro, o uso do *Like* parece estar menos relacionado ao risco de infecções sexualmente transmissíveis. Entretanto, traços de personalidade associados ao maquiavelismo, narcisismo e psicopatia foram mais frequentemente observados



entre os usuários masculinos do *Like*. Esses achados enfatizam a complexidade das interações no aplicativo e destacam a importância de uma compreensão abrangente de seu papel na dinâmica dos relacionamentos modernos (Cioca *et al.*, 2020).

Cerca de 80% dos participantes que usam o *Like* conseguiram conhecer alguém *off-line*. Os 20% restantes não se encontraram com outras pessoas *off-line*, seja porque optaram por não fazê-lo (10%) ou porque não tiveram sucesso em dar Par ideal (10%). No entanto, o grande número de opções e a rápida disponibilidade para encontrar usuários *off-line* também contribuíram para a objetificação dos usuários (Kallis, 2020).

O rápido crescimento do namoro *on-line* nos últimos dez anos coincidiu com o desenvolvimento dos telefones celulares e aplicativos baseados em namoro. Embora os serviços de namoro *on-line* existam desde a década de 1990, o surgimento de aplicações baseadas em dispositivos móveis, encabeçada pelo *Like*, representou uma mudança no que antes era uma indústria de nicho. Aproveitando os recursos de geolocalização junto a uma presença sempre disponível, o *Like* e outros aplicativos que se seguiram redefiniram como as pessoas conhecem parceiros românticos e popularizaram o namoro *on-line* a um nível sem precedentes (Cruz; Punyanunt-Carter; Wrench, 2023).

As ferramentas de namoro *on-line* são alimentadas por algoritmos de inteligência artificial (IA), geolocalização, serviços em nuvem e infraestruturas de rede. A tecnologia permite a criação de perfis de usuários, análise por meio de pesquisa e filtro,



comunicação por texto, voz ou vídeo, emparelhamento assistido por IA para ajudar os usuários a encontrar potenciais parceiros com base em seus dados sociodemográficos, interesses, preferências e geolocalização fornecidos (Liew *et al.*, 2023).

O aplicativo *Like* força seus usuários a tomarem decisões rápidas com base na aparência e, como consequência, homens e mulheres priorizam certas performances e status de maneiras ainda mais superficiais do que poderiam ser *off-line*. Por outro lado, mulheres relatam enviar mensagens para homens primeiro, uma descoberta que indica que algumas estão ansiosas para desconstruir normas patriarcais restritivas de namoro, pois por meio desses atos individuais podem potencialmente minar as relações de poder de gênero existentes (Berkowitz *et al.*, 2021).



Considerações finais

Este capítulo se propôs a apresentar um panorama sobre o *Like*, assim como informações acerca da sua utilização. Vale ressaltar que existe uma variedade de aplicativos de namoro *on-line* disponível como *Like*, *Dating.com*, *Tantan*, *OKCupid*, *TAP*, *Bumble* entre outros (Balan *et al.*, 2021). Eles apresentam ações extremamente intuitivas, incluindo deslizar para a direita, tocar em um ícone de amor em forma de coração e transmitir presentes virtuais ou *emoticons* para demonstrar interesse em um parceiro em potencial. Cada vez mais os aplicativos assumem função social de mediação entre espaços virtuais e “reais”, sendo uma

ferramenta facilitadora de novas conexões (Cruz; Punyanunt-Carter; Wrench, 2023).

O *Like* não substitui bares, festas, rolês como alternativas para conhecer pessoas, mas oferece algo uma possibilidade para que um encontro aconteça. À medida que o *Like* e outros aplicativos de namoro móvel continuam a crescer em popularidade, existe a necessidade de estudos sobre essa novas de relacionamento e seu impacto nas interações socio-virtuais.

Referências

BERKOWITZ, D. *et al.* Tinder: A game with gendered rules and consequences. **Social Currents**, v. 8, n. 5, p. 491-509, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/232949652110194>. Acesso em: 14 maio 2024.

BUYUKEREN, B.; MAKARIN, A.; XIONG, H. The Causal Effects of Online Dating Apps: Evidence From U.S. Colleges. **MIT Sloan Research Paper**, v. 22, n. 6833, pp. 01-60, ago 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4240140>. Acesso em: 14 maio 2024.

BALAN, K. B. *et al.* Swipe at first sight: The Continuous Intention to use Dating Apps in Malaysia. **CoMBInES - Conference on Management, Business, Innovation, Education and Social Sciences**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 20-34, mar. 2021. Disponível em : <https://journal.uib.ac.id/index.php/combin/es/article/view/4412>. Acesso em: 14 maio 2024.

CIOCCA, G. *et al.* Sexological aspects related to Tinder use: A comprehensive review of the literature. **Sexual medicine**



reviews, v. 8, n. 3, p. 367-378, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2019.12.004>. Acesso em: 14 maio 2024.

CRUZ, J. J. D. L.; PUNYANUNT-CARTER, N. M.; WRENCH, J. S. Dating App Communication: Personal Characteristics, Motives and Behavioural Intent. **Media Watch**, v. 14, n. 2, p. 131–154, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.1177/09760911231160240>. Acesso em: 14 maio 2024.

DEGEN, J.; KLEEBERG-NIEPAGE, A.. The more we Tinder: Subjects, selves and society. **Human Arenas**, v. 5, n. 1, p. 179-195, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s42087-020-00132-8>. Acesso em: 14 maio 2024.

KALLIS, R. B. Understanding the motivations for using Tinder. **Qualitative Research Reports in Communication**, v. 21, n. 1, p. 66-73, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17459435.2020.1744697>. Acesso em: 14 maio 2024.

LIEW, T. W. *et al.* Love is in the cloud: Uncovering the factors driving continuous use intention of online dating applications. **Cogent Social Sciences**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23311886.2023.2232110>. Acesso em: 14 maio 2024.

LISBOA, A. Tinder pode criar moeda virtual para facilitar a busca pelo match ideal. **Canaltech**. 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/Tinder-pode-criar-moeda-virtualparafacilitar-a-busca-pelo-match-ideal-198079/>. Acesso em: 14 maio 2024.

ROCHAT, L. *et al.* Willingness to Pay for a Dating App: Psychological Correlates. **Int. J. Environ. Res. Public Health**,



v. 20, n. 3, 2023, Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph20032101>. Acesso em: 14 maio 2024.

SMITH, M. A Swipe to the Right: Exploring Tinder Use in College Students. **Honors Research Projects**, n. 1482, p. 01-30, 2022. Disponível em: https://ideaexchange.uakron.edu/honors_research_projects/1482. Acesso em: 14 maio 2024.



CAPÍTULO 2

Motivação e intenção para uso do app Like

Laís Rosa e Silva Oliveira Santos

Luan Filipy Freire Torres

João Victor Pessanha Ferreira

Sheyla Christine Santos Fernandes

Introdução

Nos últimos anos, a produção literária no campo do estudo das dinâmicas modernas de relacionamento tem proporcionado um repertório amplo sobre a construção histórica e social do desejo e da sexualidade. Essa literatura, a partir do uso da internet, compreende a intenção comportamental e questiona as motivações subjacentes ao uso de aplicativos de relacionamento por geolocalização, bem como as influências do ambiente digital nas manifestações afetivo-sexuais individuais (Miskolci, 2017; Sumter; Vandenbosch; Ligtenber, 2017; Strubel; Petrie, 2017; Vieira; Sepúlveda, 2017; Sepúlveda; Vieira, 2020).

Observa-se cada vez mais um foco na investigação da expressão do afeto e do desejo sexual nos aplicativos, de modo a dar visibilidade às pessoas usuárias, destacando suas orientações sexuais, identidade de gênero, raça e classe econômica nas



experiências virtuais. Consoante a isso, apresenta-se o conceito de interseccionalidade como referencial teórico no presente capítulo. Para Crenshaw (2002), a insurgência de tais discussões partia da premissa de compreender como a interação entre dois ou mais fatores sociais (raça, classe, gênero, entre outros) coloca as pessoas em condições subalternas de sobrevivência e as expõe a cenários de discriminação, vulnerabilidade e desigualdades advindos de um processo de subordinação.

Em suma, este capítulo tem como objetivo geral conhecer a dinâmica da busca por parceiros/as e as motivações para o uso do *Like*, além de analisá-las à luz da teoria da interseccionalidade utilizada por Collins (2019) e Crenshaw (2002), somada à discussão proposta pela Teoria da Ação Planejada (TAP) desenvolvida por Ajzen (1991a).

Como objetivos específicos, podem ser elencados: levantar relatos sobre o uso do *Like*, segundo a própria interpretação autonarrativa, e analisá-los qualitativamente; realizar comparações entre grupos de modo a compreender as dinâmicas de motivação de uso do *Like* de pessoas cis-heterossexuais de maneira interseccional; elucidar crenças comportamentais, crenças normativas e crenças de controle que explicam diferentes intenções comportamentais para o uso do mesmo aplicativo.



Informações sobre a pesquisa

Participantes

Em nível de caracterização, a amostra deste estudo é representada, majoritariamente, por pessoas com uma média de idade de 24,41 anos ($dp = 4,67$), autodeclaradas mulheres cis (51,8%), heterossexuais (38,9%), brancas (46,4%), solteiras (88%) e de classe média baixa (38,6%).

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada de fevereiro a junho de 2023 e contou com 344 participantes. Os/as/es participantes foram convidados/as/es a responder a um formulário eletrônico hospedado na plataforma *Google Forms*, elaborado totalmente na configuração de não obrigatoriedade de resposta (opção fornecida pela ferramenta), de modo a não forçar respostas de nenhum tipo ou natureza por parte dos/das/des respondentes.

Instrumentos

O formulário foi composto pela versão reduzida da Escala de Motivação para o uso do *Like* (EMUT 36/12), desenvolvida na fase inicial desta pesquisa e por um questionário sociodemográfico, buscando identificar os/as/es participantes por meio de raça/etnia, classe social, identidade de gênero, estado civil e orientação sexual



durante suas experiências de uso de aplicativos de geolocalização. Ressalta-se que a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Alagoas (Protocolo nº. 4.766.008).

Os dados coletados pelo *Google Forms* permitiram que, caso o/a/e participante não quisesse responder a alguma pergunta, passasse livremente para as demais, ou mesmo encerrasse sua participação, sem nenhuma justificativa explícita. Os/as/es participantes só tiveram acesso às perguntas depois que deram seu consentimento formal.

Análise de dados

Os dados obtidos a partir das respostas da versão reduzida da Escala de Motivações de Uso do *Like* foram tabulados na ferramenta Google Planilhas e analisados no programa R (R Development Core Team, 2015), permitindo realizar uma Análise Multivariada de Variância por Permutações (Permanova), utilizando-se do pacote *vegan* (Oksanen *et al.*, 2013) e *pairwise* Adonis (Arbizu, 2017), a fim de realizar as comparações pareadas entre os grupos pelo método de Bonferroni.

As variáveis independentes foram delimitadas através do questionário sociodemográfico (Estado Civil, Gênero, Orientação Sexual, Raça/Etnia e Classe Social); posteriormente, testou-se a diferença estatisticamente significativa entre os escores da EMUT apresentados no questionário: Passar o tempo (PT), Buscar



Relacionamento (BR), Quando Vou Viajar (VJ), Aprovação Social (AS), Superar o Ex (EX), Pertencimento (PR), Experiências Sexuais (ES), Melhorar Habilidades Sociais (HS), Explorar a Orientação Sexual (OS), Socializar (SC), Curiosidade (CU) e Distração (DS).

Teoria da Ação Planejada (TAP)

Desenvolvida por Ajzen (1991b), apresenta-se como um arcabouço metodológico promissor, sendo utilizada em diferentes áreas do conhecimento para compreensão, predição e intervenção em fatores que influenciam o comportamento humano (Fernandes *et al.*, 2019; Caputo, 2020; Bosnjak; Ajzen; Schmidt, 2020; Alhamad; Donyai, 2021). A TAP proporciona uma definição clara e sólida para o conceito “atitude”. Nesse sentido, ressalta que um dos preditores das intenções comportamentais é a atitude de um/a/e indivíduo/a/e em relação a um comportamento, e isso independe de sua avaliação ser favorável ou não em relação a um comportamento específico que esteja em questão (Silva Filho, 2018).

Além disso, outros dois elementos são adicionados às atitudes como preditores das intenções comportamentais: a norma subjetiva, relacionada à influência social percebida pelo/a/e indivíduo/a/e para manifestar ou não um determinado comportamento, e o controle comportamental percebido, associado à facilidade ou dificuldade percebida pelo/a/e indivíduo/a/e que o direciona a manifestar tal comportamento (Ajzen, 1985). Ao ter total controle de uma situação, um/a/e



indivíduo/a/e pode tomar a decisão de executar ou não uma ação e, sob esse conceito, o hábito e a falta de controle podem ser duas variáveis que possivelmente influenciarão o comportamento futuro (Santos Junior, 2018).

A TAP destaca-se por ter um viés diferenciado e parte do princípio da indicação de fatores motivacionais que podem influenciar o comportamento, seguido de quanto esforço os/as/es indivíduos/as/es estão dispostos/as/es a investir para realizar a ação e, finalmente, até que ponto iriam para concretizar tal ação. Na TAP, Ajzen (1991a, p.181) acredita que “o fator central é a intenção do indivíduo em realizar a ação”.

Resultados e discussões

Motivações multigrupais para uso do Like

Tendo sido atestadas a validade e a precisão do modelo reduzido da Escala de Motivações para o Uso do *Like* (EMUT) em estudos anteriores, foi possível, então, realizar a análise das diferenças entre os grupos (aqui entendidos enquanto marcadores de gênero, classe, raça, estado civil e orientação sexual) no tocante aos escores de cada um dos sujeitos para cada uma das motivações do modelo teórico acima.

Inicialmente, a normalidade dos dados foi investigada através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Os resultados apontaram desvio da normalidade dos dados para as distribuições das



variáveis. A partir disso, optou-se pela realização de alternativas não paramétricas para as análises estatísticas posteriores.

Em seguida, realizaram-se comparações pareadas, com o objetivo de identificar quais grupos se diferenciam entre si. Para a Aceitação Social (AS), foi possível inferir diferenças estatisticamente significativas em relação à Classe social entre a Classe Média Baixa e Classe Média Alta [$F(1) = 11,148$, $p = 0,02$, $R^2 = 0,056$] e entre a Classe Média Baixa e a Classe Média [$F(1) = 7,071$, $p = 0,05$, $R^2 = 0,028$], indicando que pessoas de Classe Média Baixa tendem a utilizar menos o *Like* em busca de Aceitação Social do que pessoas de Classe Média e de Classe Média Alta.

Em relação às Experiências Sexuais (ES), foi possível inferir diferenças significativas estatisticamente em relação ao Gênero dos respondentes, mais especificamente entre Homens Cis e Mulheres Cis [$F(1) = 18,912$, $p = 0,01$, $R^2 = 0,056$] e também entre Mulheres Cis e pessoas Não Binárias [$F(1) = 10,001$, $p = 0,03$, $R^2 = 0,053$]. Ao analisar as médias dos resultados, então, foi possível inferir que Homens Cis utilizam o *Like* para obter experiências sexuais diferentes mais do que Mulheres Cis, e também que pessoas Não Binárias utilizam o *Like* em busca de obter experiências sexuais mais do que Mulheres Cis.

Encontra-se paralelo na literatura quando se fala na avaliação das pessoas quanto à percepção do comportamento de buscar mais experiências sexuais, em que é possível entender que, de maneira geral, as pessoas tendem a achar normal um homem cis que tem relações com mais pessoas do que mulheres cis com



esse mesmo comportamento, por exemplo. De maneira oposta, quando tomam atitudes parecidas, as mulheres cis tendem a ser julgadas de forma negativa, sendo identificadas como um tipo desvalorizado de pessoa na sociedade (Altmann; Martins, 2009).

Quanto ao fator Socialização (SC), foi possível encontrar diferenças estatisticamente significativas em relação à Classe Social da amostra, mais precisamente entre pessoas de Classe Média Alta e Pessoas de Classe Baixa [$F(1) = 12.953$, $p = 0,02$, $R^2 = 0,131$]. Analisando as médias entre os grupos, foi possível inferir que pessoas que se autodeclararam de Classe Baixa utilizam o *Like* para fins de Socialização mais do que pessoas de Classe Média Alta.

Em relação à Orientação Sexual (OS), foi possível encontrar diferenças estatisticamente significativas sobre Classe, Gênero e Orientação Sexual dos respondentes. No tocante à Classe Social, foi possível encontrar essas diferenças entre Classe Média e Classe Baixa [$F(1) = 18,037$, $p = 0,01$, $R^2 = 0,112$], Classe Média Baixa e Classe Baixa [$F(1) = 14,602$, $p = 0,01$, $R^2 = 0,085$] e Classe Média Alta e Classe Baixa [$F(1) = 19,430$, $p = 0,01$, $R^2 = 0,186$]. Ao comparar as médias dos grupos, foi possível observar que, em todas as comparações, as pessoas de Classe Baixa utilizavam o *Like* para explorar sua orientação sexual mais do que as pessoas de Classe Média Baixa, Média e Média Alta.

No tocante ao Gênero, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre Homens Cis e Mulheres Cis [$F(1) = 12,145$, $p = 0,02$, $R^2 = 0,037$]. Ao comparar as médias dos



dois grupos, foi possível observar que os Homens Cis tendem a utilizar o *Like* para fins de explorar sua sexualidade mais do que as Mulheres Cis, novamente corroborando os achados de Altmann e Martins (2009) que dizem respeito a como é percebida e julgada de maneiras diferentes a liberdade sexual entre homens e mulheres cis.

Por fim, em relação à Orientação Sexual dos respondentes (o grupo, não o fator), foi possível encontrar diferenças estatisticamente significativas entre Heterossexuais e Homossexuais [$F(1) = 50,080, p = 0,01, R^2 = 0,191$], Heterossexuais e Pansexuais [$F(1) = 14,070, p = 0,01, R^2 = 0,091$], Homossexuais e Bissexuais [$F(1) = 20,937, p = 0,01, R^2 = 0,101$] e Pansexuais e Demissexuais [$F(1) = 17,634, p = 0,01, R^2 = 0,558$].

Ao comparar as médias dos grupos, foi possível observar que Heterossexuais tendem a utilizar o *Like* para explorar sua Orientação Sexual menos do que Homossexuais, e também menos do que Pansexuais. Já Homossexuais utilizariam mais o *Like* com essa motivação do que Bissexuais, enquanto Pansexuais utilizariam o aplicativo para explorar a orientação sexual mais do que pessoas demissexuais. Nesse panorama específico, foram encontradas mais relações estatisticamente significativas do que nos outros fatores, o que pode indicar a importância dessa motivação no uso do *Like* para diferentes grupos.



Intenção de usar o Like

Com base na leitura e interpretação dos dados através da TAP, foram elucidadas: crenças comportamentais relacionadas à avaliação positiva/negativa que os/as/es usuários/as/es fazem sobre seu uso, admitindo ser favoráveis ou não a ele. Com relação ao gênero, os/as/es usuários/as/es do sexo masculino mostraram uma busca maior pelas finalidades “sexo” e “namoro” do que os/as/es usuários/as/es do sexo feminino. Esse dado corresponde à literatura (Sumter *et al.*, 2017) e a pesquisas que apontam maior uso da internet por homens para procurar parceiros em potencial (Baumgartner *et al.*, 2010; Tappé *et al.*, 2013).

As crenças normativas representam a pressão social exercida sobre o uso do *Like*, ou seja, a opinião de grupos ou pessoas importantes que influenciam sua utilização. A pressão exercida por amigos/as/es e colegas favorece que o comportamento ocorra em oposição a: família, pais, companheiros/as, colegas de trabalho, pessoas conservadoras, pessoas do mesmo ambiente religioso que desaprovam tal comportamento. As crenças normativas são utilizadas quando o/a/e indivíduo/a/e encontra-se em uma situação em que deve decidir sobre a forma de se comportar, mas sua escolha exige um comportamento socialmente desejável (Silva Filho *et al.*, 2005).

Por fim, o controle comportamental percebido – composto pelas crenças de controle – representa o nível de facilidade e/ou dificuldade em usar o *Like*. Pessoas que já são bastante sociáveis e



extrovertidas tendem a se envolver em namoros *on-line* com mais frequência (Valkenburg; Peter, 2007), assim como usuários/as/es que relataram usar o aplicativo por se sentirem mais confortáveis *on-line* do que *off-line* têm menos probabilidade de encontrar suas combinações do *Like* na “vida real”.

As análises mostraram que os homens mencionaram com mais frequência a “praticidade” como motivo para usar o *Like* do que mulheres, em concordância com pesquisas anteriormente realizadas que também mostram que os homens consideram a praticidade proporcionada pela comunicação *on-line* uma maneira mais fácil de encontrar novos/as parceiros/as em potencial, ao contrário das mulheres (Haferkamp *et al.*, 2012; Sumter; Vandenbosch; Ligtenberg, 2017). Dessa forma, as facilidades apontadas são: praticidade, possibilidade de filtrar a busca de acordo com o interesse pessoal, conexões com pessoas com quem jamais iriam ter contato de outra forma, facilidade em manter contatos, formar amizades. Já as dificuldades foram: relacionamentos descartáveis, desespero para encontrar pessoas; preconceito com o/a/e usuário/a/e, perfis falsos, experiências anteriores ruins.

Considerações finais

Levando em consideração que a literatura científica sobre o uso de *sites* de namoro por adultos emergentes no passado ensinou que os/as/es usuários/as/es costumam ter um conjunto



mais diversificado de motivações para usar essas mídias, além de simplesmente se conectar (Gudelunas, 2012; Van De Wiele; Tong, 2014), a realidade nos aplicativos de geolocalização não poderia ser diferente. As análises indicaram algumas relações significativas entre as variáveis independentes (Gênero, Raça/Etnia, Classe Social, Orientação sexual e Estado Civil), evidenciando que determinadas motivações específicas (Aceitação Social, Experiências Sexuais, Socialização e Orientação Sexual) são mais expressivas para alguns grupos do que para outros.

Entretanto, como limitação deste estudo, ressalta-se que se buscaram também a relação e o cruzamento interseccional entre os grupos, mas não foi possível estabelecer nenhuma relação estatisticamente significativa. Isso pode ser atribuído à pouca representatividade de alguns públicos (homens e mulheres trans, pessoas não binárias, indígenas e outros grupos) na coleta de dados, devido ao fato de ser uma amostra por conveniência.

As descobertas atuais sugerem que as razões ou os objetivos (motivação e intenção, nesta oportunidade) das pessoas para usar o *Like* estão associados às experiências no aplicativo e ao seu sucesso percebido, seja em amizades, encontros ou namoro (Cummings; Mays, 2021). A presente pesquisa fornece algumas evidências preliminares com base nas crenças dos usuários que justificam sua utilização. Recomenda-se que, para estudos futuros relacionados às motivações e intenções de uso do *Like*, sejam realizadas amostragens mais representativas destes públicos invisibilizados, com o objetivo de tornar mais precisas e justas as análises estatísticas.



Referências

AJZEN, I. **Attitudes, personality and behavior**. Bristol: Open University Press, 1991a.

AJZEN, I. The Theory of Planned Behavior. **Elsevier**, Amsterdã, v.50, n.2, p.179-211, dez. 1991b. DOI: [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T). Acesso em: 25 nov. 2023.

AJZEN, I. From intentions to actions: a theory of Planned Behavior. In: KUHL, J.; BECKMANN, J. **Action control: from cognition to behavior**. Berlin/Heidelberg: Springer Berlin/Heidelberg, 1985. p.11-39. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-642-69746-32>. Acesso em: 25 nov. 2023.

ALTMANN, H.; MARTINS, C.J. Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia. **Educar em Revista**, Curitiba, n.35, p.63-80, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300006>. Acesso em: 25 nov. 2023.

ARBIZU, M.P. Pairwise Adonis: pairwise multilevel comparison using Adonis. **R Package**, [S.l.], 2017. Disponível em: https://rdr.io/github/gauravsk/ranacapa/man/pairwise_adonis.html. Acesso em: 25 nov. 2023.

COLLINS, P.H. **Intersectionality as critical social theory**. Durham; London: Duke University Press, 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 25 nov. 2023.



FERNANDES, S.C.S.*et al.* Teoria da Ação Planejada como suporte teórico e metodológico: uma aplicação da Teoria da Ação Planejada. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.23, n.1, p.92-103, abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i1.55695>. Acesso em: 25 nov. 2023.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

OKSANEN, J. *et al.* Package “vegan”. **Community EcologyPackage**, Ames, v.2, n.9, p.01-295, 2013. Disponível em: <http://CRAN.R-project.org/package=vegan>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SEPÚLVEDA, R.; VIEIRA, J. Motivações para o uso de aplicações de online dating no contexto português: a relevância dos turning points. **Anál. Social**, Lisboa, n.235, p.300-330, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2020235.04>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA FILHO, G.M. da *et al.* Conformidade tributária e comportamento do contribuinte: uma análise dos fatores que explicam a observância tributária à luz da Teoria do Comportamento Planejado. **Revista Contabilidade e Controladoria**, [S.l.], v.10, n.1, p.57-70, set. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v10i1.51458>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SUMTER, S.R.; VANDENBOSCH, L.; LIGTENBERG, L. Love me Tinder: untangling emerging adults’ motivations for using the dating application Tinder. **Telematics and Informatics**, Amsterdã, v.34, n.1, p.67-78, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tele.2016.04.009>. Acesso em: 25 nov. 2023.

VIEIRA, J.; SEPÚLVEDA, R. A autoapresentação dos portugueses na plataforma de online dating Tinder. **Observatório (OBS*) Journal**, [S.l.], v.11, n.3, p.153-185, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15847/obsOBS11320171150>. Acesso em: 25 nov. 2023.



CAPÍTULO 3

“Mas olha só que ironia... Viver um amor em plena pandemia”

Elen de Souza Rangel

Laís Rosa e Silva Oliveira Santos

Luan Filipy Freire Torres

Julio Cezar de Albuquerque

Introdução

Os relacionamentos tendem a ocupar a centralidade na experiência humana, sendo modificados ao longo do tempo, sobretudo diante do avanço dos meios tecnológicos. A inserção de *sites* e aplicativos vem configurando as dinâmicas afetivas no campo dos relacionamentos amorosos. Nesse contexto, o *Like* é um dos *softwares* de geolocalização mais utilizados por dia, diante de sua ampla influência sobre seus/suas usuários/as e a dinâmica do *on-line dating* (encontros virtuais) (Her; Timmermans, 2020).

O *Like* é definido como um programa baseado em geolocalização para telefones celulares que propõe a interação virtual para encontros mediante as preferências de seus/suas usuários/as, definidas na criação do perfil. Disponível para os sistemas operacionais iOS e Android desde 2012 – ano de sua criação –, é possível fazer *download* gratuitamente ou acessá-lo via *web*. O aplicativo permite a combinação entre perfis, mediante



as preferências informadas e as respectivas geolocalizações, tendo a opção de selecionar ao gostar do perfil – *like*. Havendo compartilhamento de likes entre usuários/as, ocorre o que nesta obra foi denominado *Par ideal*, sendo possível a abertura do chat, que permite o diálogo privado entre esses/as usuários/as dentro do próprio aplicativo.

Diante do período pandêmico da Covid-19, a população mundial enfrentou alterações consistentes em seu cotidiano. Com a obrigatoriedade das medidas de isolamento social para o controle da disseminação do vírus (Mendes, 2016), uma das estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelos sujeitos, como forma de manutenção dos vínculos sociais, foi o aumento do uso das tecnologias, o que foi expressivamente acompanhado pelo uso do *Like* (Her; Timmermans, 2020; Orosz *et al.*, 2016).

Her e Timmermans (2016) e Orosz *et al.* (2016) versam sobre o uso do aplicativo como um mecanismo de recompensa, atuando na circuitaria presente no Sistema Nervoso Central (SNC), trazendo comparações como o uso para a obtenção de prazer e busca de bem-estar. Em diálogo com isso, a noção de apego representa conforto e segurança para as pessoas e norteia a procura pelo desenvolvimento de relações afetivas (Mendes, 2016). Como os relacionamentos tendem a ocupar parte essencial da vida das pessoas, o período pandêmico intensificou as necessidades de suporte e segurança diante de um momento de tantas incertezas. Essa realidade torna primordial a compreensão de como a busca pelas relações afetivas configurou-se nesse período, sobretudo no



on-line dating, no *Like*, visto que esse era um dos poucos ambientes considerado campo seguro de interação durante a pandemia de Covid-19 (Figueiredo, 2016).

Informações sobre a pesquisa

Esta pesquisa, de caráter exploratório e do tipo qualitativa, contou com a participação de 179 pessoas voluntárias. A amostra foi contemplada por sujeitos de faixa etária entre 18 e 49 anos, em sua maioria nordestinos, sendo 86% solteiros/as. No tocante à autodeclaração étnica: 66 brancos/as, 46 pardos/as, 26 pretos/as e os demais declararam-se negros/as, latinos/as, amarelos/as e/ ou negros/as de pele clara; 20,1% dos participantes declararam se considerar de classe média. Foram utilizados formulários eletrônicos para a coleta dos dados dos sujeitos e a criação de um perfil pertencente ao laboratório para a coleta de dados dos/das usuários/as do *Like*.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Alagoas e iniciada apenas após parecer de aprovação. Os/as participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informados sobre os procedimentos e o caráter voluntário do estudo.

A análise dos dados foi realizada com a criação do *corpus* textual, objetivando avaliar os acontecimentos marcantes relacionados à experiência do uso do aplicativo de geolocalização



durante o período pandêmico. Os dados foram analisados sob subsídio do *software* Iramuteq, em sua versão 0.7 alpha 2 (Interface de R pour les Analysis Multimensionelles de Textes et de Questionnaires) (Ratinaud, 2009), hospedado no programa R versão i386 3.5.2 (R Core Team, 2012) e na linguagem python de programação. Cada resposta representou uma Unidade de Contexto Inicial (UCI), de maneira que foi realizado o aproveitamento de 63,73% de segmentos de texto, sendo 17,74% de ocorrências, que permitiram realizar a análise de similitude e observar o autorrelato das experiências de usuários/as do *Like*.

Experiências gerais em relação ao uso do Like durante a pandemia



Após a análise de dados, os/as usuários/as relataram com maior incidência para o uso do aplicativo os termos “estar”, “conhecer”, “querer”, “bom”, “sexo”, “conversar”, “mulher”, “homem”, “relacionamento”, em respectiva ordem de força na análise de similitude. Tais achados dialogam com o que a literatura aponta a respeito dos objetivos de usuários/as buscarem o programa: manutenção dos vínculos sociais, sobretudo no período de reclusão social de forças emergenciais.

No contexto da pandemia, outro fator que pode ter potencializado o uso do *Like* foi a disponibilização de funções pagas de modo gratuito durante o período. Tais recursos permitiam ao sujeito alterar sua geolocalização e buscar outros perfis em

diferentes localidades, o que tende a ampliar a possibilidade de contatos, sendo esse um fator potentemente reforçador do uso e que visa romper possíveis entraves de geolocalização, ampliando ainda mais a possibilidade de interações sociais, ainda que virtuais (Neyte; Baert; Vandenbulcke, 2020; Orosz *et al.*, 2016).

A literatura traz o aplicativo como forma de vitrine, diante da expectativa de aprovação social que permeia seu uso (Mendes, 2016; Ranzini; Rosembaum, 2020). Os resultados da pesquisa apontaram dados expressivos quanto à discrepância entre a visão do respondente sobre a autodescrição e sua expectativa de encontrar os usuários. Foram apontadas divergências quanto à topografia das características, sendo evidente a atribuição de descrições estéticas e de cunho pejorativo a si mesmos, estando em maior incidência, pela nuvem de palavras, termos como: “magro”, “gordo”, “peso”, “estatura”. E, no que se esperava buscar, eram características não relacionadas ao senso estético, como: “inteligência”, “humor”, “inteligente”, “bom senso”, “família”, “personalidade”, “sinceridade”. Assim, foi apontado com mais rigor e exigência o alinhamento de possíveis parceiros/as a padrões comportamentais.

A existência de índices elevados de rejeição gera impactos expressivos no bem-estar, tendenciando a níveis elevados de depressão e ansiedade, visando atingir padrões estéticos inalcançáveis – e não necessariamente atribuídos a padrões de bem-estar (Figueiredo, 2016). Também foram apontados resultados referentes às experiências do uso do *Like* durante a



pandemia, apresentando experiências potentemente positivas – auxiliando no manejo dos sentimentos de solidão e isolamento social – e negativas diante de frustrações e do não atendimento de expectativas.

Visto que a imagem corporal é apontada como fator motivacional para o *on-line dating*, sendo este um facilitador da cultura das relações sexuais, a noção do desejo é atrelada ao padrão estético formado ao longo da vida do sujeito, visando reproduzir “o local seguro e de apego”, sobretudo na fase de desenvolvimento deste estudo. Esse fator está presente nos resultados, como impacto de experiências negativas de não atender às próprias expectativas e exigências e às dos outros, gerando falta de noção de pertencimento e rebaixamento dos níveis de bem-estar (Ramirez; Scheineider, 2010; Strubel; Petrie, 2017).

O período pandêmico pode ser visto como ruptura de local seguro, sendo os sujeitos forçados a sair de sua zona de conforto (Mendes; Rocha, 2016). Na tentativa de reconstruir e aproximar-se da noção de segurança e familiaridade, os sujeitos apresentaram tendências a buscar pelo que lhes era familiar e habitual, sendo essa motivação uma estratégia de enfrentamento das adversidades (Dalbem; Dell’Aglia, 2005; Mendes; Rocha, 2016). A cultura de vitrine permeada no aplicativo *Like* fortalece padrões de relações fluídas, sexo descompromissado, desvinculado de compromissos ou relacionamentos, com várias opções de parceiros/as simultâneos (Christensen, 2020; Her; Timmermans,



2020). Nesse contexto, é apontada como problemática a dificuldade de estabelecimento de uma “base segura” para o desenvolvimento de vínculos afetivos. Assim, o uso do aplicativo supre as necessidades de interações sociais, mas não é capaz de prever a manutenção de tais vínculos ao longo do tempo.

Considerações finais

Neste capítulo, objetivou-se estudar as experiências dos/as usuários/as do *Like* durante a pandemia, visando compreender a dinâmica, as preferências e a motivação dos sujeitos para o uso do aplicativo.

A utilização do *Like* durante a pandemia foi vista como uma reprodução e intensificação do que ocorria anteriormente a esse período. Visando suprir as necessidades de interação e contato social dos sujeitos, o crescimento desse uso pode ser entendido como uma estratégia de enfrentamento, com redução de comportamentos ansiosos e depressivos e tentativa de manutenção e regaste de vínculos e interações sociais. Também foram expressos pelos usuários elevado nível de autoexigência a padrões estéticos e alto nível de cobrança de padrões comportamentais e psicológicos esperados do outro. Prediz-se que esse cenário amplifica o contexto existente antes da pandemia.

Os resultados foram considerados satisfatórios para uma breve análise qualitativa, sendo assim primordiais para a futura investigação descritiva da amostra, bem como dos relatos acerca



das experiências positivas e negativas no uso do *Like*. Tais achados dialogam com o que vem sendo discutido e publicado na literatura, o que torna possível a correlação de dados e o diálogo entre diferentes autores. Não obstante, é relevante salientar contrastes entre os resultados obtidos e o que foi apontado na literatura, sobretudo o desejo pelo outro ser expresso em características mais comportamentais e psicológicas, ao passo que a literatura descreve pontos mais voltados a um padrão estético e cis.

Recomenda-se, para pesquisas futuras, o aumento do número amostral e dos estudos qualitativos, objetivando melhor compreender e ampliar o que foi discutido sobre a temática, assim como continuar o diálogo com o que vem sendo debatido e publicado academicamente.



Referências

CHRISTENSEN, M.A. "Tinderslusts" and "Tinderellas": examining the digital affordances shaping the (hetero)sexual scripts of young womxn on Like. **Sociological Perspectives**, [S.l.], v.64, n.3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0731121420950756>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DALBEM, J.X.; DELL'AGLIO, D.D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento.

Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.57, n.1, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2023.

FIGUEIREDO, L.B. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smarthphones. 2016. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

GARCÍA-GOMEZ, A. Discursive representation of masculinity and feminity in Tinder and Grindr: hegemonic masculinity, feminine devaluation and femmephobia. **Discourse & Society**, Nova York, v.31, n.4, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0957926520903523>. Acesso em: 26 nov. 2023.

HER, Y.; TIMMERMANS, E. Tinder blue, mental flu? Exploring the associations between Tinder use and well-being. **Information, Communication & Society**, Londres, v.24, n.9, p.1303-1319, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1764606>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MENDES, L.S.T.; ROCHA, N.S. Teoria do Apego: conceitos básicos e implicações para a psicoterapia de orientação analítica. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v.18, n.3, 2016. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v18n3a01.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2023.

NEYTE, B.; BAERT, S.; VANDENBULCKE, S. Never min I'll find someone lime me: assortative mating preferences on Tinder. **Personality and Individual Differences**, Ottawa, v.55, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109739>. Acesso em: 26 nov. 2023.

OROSZ, G. et al. Too many swipes for today: the development of the Problematic Tinder Use Scale (PTUS). **Journal of Behavioral Addictions**, [S.l.], v.5, n.3, p.518-523, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1556/2006.5.2016.016>. Acesso em: 26 nov. 2023.



RANZINI, G.; ROSENBAUM, J. It's a match (?): Tinder usage and attitudes towards interracial dating. **Communication Research Reports Journal**, Londres, v.37, n.1-2, p.44-54, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/08824096.2020.1748001>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SUMTER, S.R.; VANDENBOSCH, L.; LIGTENBERG, L. Love me Tinder: untangling emerging adults' motivations for using the dating application Tinder. **Telematics and Informatics**, [S.l.], v.34, n.1, p.67-78, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tele.2016.04.009>. Acesso em: 26 nov. 2023.

STRUBEL, J.; PETRIE, T.A. Love me Tinder: Body image and psychosocial functioning among men and women. **Body Image**, [S.l.], v.21, p.34-38, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2017.02.006>. Acesso em: 26 nov. 2023.



CAPÍTULO 4

Para além da matriz cis-heteronormativa:
visibilizando pessoas bi, travestis, transexuais,
queers e não binárias

Rodolfo Duarte da Silva

Leogildo Alves Freires

José Anderson da Costa Silva

Isabellí Geovanutti Farias de Souza

Introdução

O objetivo do presente capítulo é analisar e discutir descrições coletadas nos perfis de pessoas bissexuais, transexuais, *queers* e não binárias usuárias do *Like* das nove capitais do Nordeste brasileiro, seguindo um enfoque qualitativo de delineamento transversal.

Interações e/ou relacionamentos afetivos e sexuais são constituintes fundamentais da socialização humana. Por meio deles, desenvolvem-se relações íntimas, gerando sentimentos de felicidade, bem-estar psíquico e emocional. Desde a popularização da internet, o uso de vários aplicativos deixou de ser um ritual esporádico e foi incorporado como parte do nosso ser, modificando profundamente a forma como desejamos afetiva e/ou sexualmente (Miskolci, 2017).



Se para grande parcela de usuários/as cis-heterossexuais a vantagem de *sites* e aplicativos está na possibilidade de interações mais despersonalizadas, objetivas e rápidas com potenciais parceiros/as, para pessoas LGBTQIAPN+², criar um perfil e explorar o desejo afetivo e/ou sexual nessas plataformas é uma conquista (Miskolci, 2017).

Diversas formas de proibição ou retaliação moral têm restringido a expressão do desejo. O longo histórico de violência direcionada às pessoas que contrariam a cis-heteronorma implica a ausência de um território fixo para interações sexuais e amorosas. Diante de tal cenário, os aplicativos surgem como possibilidade de busca por admiração e reconhecimento aos corpos dissidentes, julgados socialmente como feios e imorais (Miskolci, 2017; Monteiro, 2020).

Nessa perspectiva, os aplicativos de geolocalização apresentam-se como caminho alternativo, visibilizando expressões desejanter vigiadas e subalternizadas no cotidiano. A presença de pessoas LGBTQIAPN+ nos aplicativos pode ser explicada pela sensação de normalidade na expressão dos seus desejos, no combate à expressão hegemônica da cis-heterossexualidade e também na segurança de conhecer pessoas sem que a integridade física e moral dessa comunidade esteja em risco (Miskolci, 2017).

2 Sigla que abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, *Queers*, Intersexo, Assexuais, Agêneros, Pansexuais e Não Binárias, entre outras.



Contudo, vale destacar que aspectos sociais estão diretamente ligados à ausência de pessoas LGBTQIAPN+ nos aplicativos. Especialmente no Nordeste, por se tratar da região mais pobre do Brasil, de acordo com o IBGE (2017/2018), e com os maiores percentuais de usuários/as/es³ com baixo acesso à internet, conforme o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2020). Também por ser a região mais violenta e letal do País para pessoas LGBTQIAPN+, ocupando o primeiro lugar de mortes com 113 casos de homicídios apontados no dossiê do Grupo Gay da Bahia (2021).

Perante o exposto, realizou-se uma investigação empírica com o objetivo de explorar a busca por parceiros/as/es ampliando a discussão para além da matriz cis-heteronormativa. As descrições coletadas nos perfis de pessoas bissexuais, transexuais, *queers* e não binárias, usuárias do *Like* nas nove capitais do Nordeste brasileiro foram analisadas e discutidas seguindo um enfoque qualitativo de delineamento transversal. No tópico seguinte, evidencia-se como o estudo foi realizado, para, então, discutir seus achados.

Informações sobre a pesquisa

A pesquisa seguiu abordagem qualitativa e de cunho exploratório. Foram coletados 100 perfis de usuários/as/es do aplicativo *Like* de cada uma das capitais do Nordeste brasileiro,

3 Admite-se a referência pronominal não binária ou não generificada, visando reduzir estereótipos e discriminação de gênero. Sobre pronome não binário, consultar Carvalho (2021).



totalizando 900 descrições de perfis igualmente distribuídos por orientação sexual (pessoas bissexuais) e identidade de gênero (pessoas transexuais, *queers* e não binárias). Os critérios de seleção utilizados foram: o perfil declarar ser maior de idade, possuir texto em língua portuguesa na descrição com visualização pública e estar localizado via Global Positioning System (GPS) em uma das capitais nordestinas.

Já para a análise dos dados, atentou-se para os marcadores sociais (sexualidade e identidade de gênero), a fim de realizar análises mais precisas. O material foi dividido em dois bancos textuais, com 450 descrições integrando cada um deles. Após a criação do *corpus*, as análises foram realizadas com o auxílio do *software* Iramuteq.

Foram feitas nuvens de palavras e análises de similitude, duas para cada um dos *corpora*, totalizando quatro análises distintas. A primeira é utilizada para verificar as palavras mais usadas nas descrições dos perfis, permitindo inferir e discutir sobre elas, enquanto a análise de similitude permite identificar a relação entre as palavras, ampliando a compreensão do tema (Camargo; Justo, 2013). Os gráficos dessas análises podem ser solicitados aos/às autores/as do capítulo. Nas seções seguintes, serão apresentados e discutidos os resultados das análises.



Conhecendo os perfis de pessoas bissexuais no *Like*

O *corpus* textual contendo as descrições de pessoas bissexuais no *Like* foi composto por um total de 7.941 vocábulos. A nuvem de palavras resultante da análise dessas descrições evidenciou que os termos mais empregados nas respostas foram “conversar”, “amizades”, “conhecer pessoas”, “sexo”, “sair” e “casal”.

Tendo em conta que a bissexualidade confronta o binarismo e a monossexualidade e, por isso, vem sendo definida, ao longo da história, por estigmas que acabam regulando a expressão do desejo, as relações afetivas e/ou sexuais de bissexuais são marcadas por preconceitos e discriminações bifóbicas (Alves; Lopes, 2015; Silva; Leite Junior, 2020).

O aplicativo *Like* é considerado um meio propício para ampliar as redes de contato, seja para estabelecer novos laços de amizade, encontrar um/a/e parceiro/a/e para formar casal ou conhecer pessoas para atividades de lazer e sexo.

Foram observadas conexões entre as palavras “tédio”, “quarentena”, “pandemia” e “beijar na boca”. Essas conexões evidenciam o cenário pandêmico da Covid-19, período em que se desenvolveu o presente estudo. A pandemia expôs as vulnerabilidades da população LGBTQIAPN+, especialmente como o isolamento social refletiu diretamente nas relações interpessoais desses sujeitos. Com a reduzida base de apoio, parte dessas pessoas buscou o aplicativo como forma de encontrar semelhantes, já que estavam longe das suas redes de



afeto, que até então lhes garantiam segurança, liberdade e apoio social (Saft, 2020).

Percebeu-se ainda a relação entre palavras que expressam as expectativas para a realização de desejos afetivos e/ou sexuais dos usuários/as/es do aplicativo através dos vocabulários “casal”, “experiências”, “diversão”, “*ménage*”, “aventuras”, “sexo”, “maconha” e “fetiche”.

Conhecendo os perfis de pessoas travestis, transexuais, *queers* e não binárias no *Like*

No que se refere ao *corpus* contendo as descrições de pessoas transexuais, *queers* e não binárias no *Like*, obteve-se um total de 8.221 vocábulos, sendo que as palavras mais utilizadas foram: “Instagram”, “amizades”, “conversar”, “sou transexual”, “sexo” e “número para contato”.

Os termos revelam aspectos importantes quanto à existência desses corpos, que transpõem não só a binaridade sexual, mas também a cisgeneridade. Marcadas pela rejeição social e familiar, pessoas transexuais, *queers* e não binárias são atravessadas pela violência e possuem reduzida rede de apoio social (Alves; Lopes, 2015).

No âmbito do desejo afetivo e/ou sexual nos aplicativos, não é diferente. Trata-se de um contexto regido por padrões normativos que determinam corpos valorizados como desejáveis. Fora do padrão de performatividade exigido no *Like*, pessoas



transexuais, *queers* e não binárias são relegadas à rejeição e ao desprezo. Em virtude disso, têm, de forma recorrente, seus perfis banidos após denúncias de *matches* em potencial (Oliveira, 2020).

Vocábulos como “número para contato” e “Instagram” evidenciaram que o *Like* tem sido importante para estabelecer novos vínculos a partir de interações iniciais, mas tem papel secundário diante de outras redes que oferecem informações mais pessoais e humanizam esses grupos. A autoafirmação da identidade nas descrições dos perfis de pessoas transexuais indica a busca desses corpos por ocupar seus lugares nos âmbitos afetivo e sexual.

Deve-se, ainda, atentar-se à conexão entre os termos “número para contato” e “sigilo”. A associação das palavras nos leva a entender uma prática comum no campo do desejo afetivo e/ou sexual de pessoas LGBTQIAPN+, em particular indivíduos com identidades de gênero dissidentes: o sigilo. Ele tem sido condição necessária para não sofrer discriminação e preconceito (Misckolci, 2017).

Identificaram-se palavras que expressam como esse grupo manifesta seus desejos afetivos e/ou sexuais e o que busca, através da ligação entre os termos: “sexo”, “curtição”, “compromisso”, “sair”, “relacionamento”, “atenção” e “diversão”. Vale considerar outras conexões como de suma importância para compreender as identidades não hegemônicas usuárias do aplicativo, tal como “respeito”, termo ligado a “preconceituosa”, “programa”, “transição”, “gênero” e “educação”, que revelam os



obstáculos enfrentados para o desenvolvimento satisfatório de seus relacionamentos afetivos e/ou sexuais.

Considerações finais

Neste capítulo, buscou-se realizar uma análise mais ampla e contemplativa acerca da busca por parceiros/as/es afetivos e/ou sexuais *on-line*, levando a cabo uma proposta de investigação multigrupal com foco em pessoas bissexuais, transexuais, *queers* e não binárias usuárias do *Like* nas nove capitais do Nordeste brasileiro.

As discussões realizadas apontam a importância e a incorporação dos aplicativos nas vivências de pessoas LGBTQIAPN+, configurando-se como um recurso para explorar a autonomia e a agência desejante de pessoas que encabeçam efetivamente relações amorosas e sexuais.

No caso das pessoas bissexuais, os resultados apontaram a busca por ampliar a rede de contato com seus iguais para atividades de lazer e sexo. De outro modo, identidades de gênero dissidentes, além de buscar expandir a rede afetiva e/ou sexual, buscam também demarcar seus lugares no âmbito do desejo, usando outras redes sociais ou trazendo informações na tentativa de humanizar seus corpos.

Diante do exposto, o presente capítulo oportuniza reflexões sobre a vivência de pessoas bissexuais, transexuais, *queers* e não binárias em aplicativos de geolocalização, apresentando um



panorama significativo no campo de estudos sobre desejo sexual e/ou afetivo.

Referências

ALVES, A.O.; LOPES, L. Práticas identitárias e sexuais dissidentes: o “dispositivo do armário” na perspectiva do tratamento social da bissexualidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 2., 2015, Salvador. **Anais...** Salvador: Ufba, 2015. Disponível em: http://www.desfazendogenero.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=65959.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.21, n.2, p.513-518, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 25 nov. 2023.

CARVALHO, D. **Sobre gênero e a invenção de um pronome não binário**. [S.l.], 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350671835_Sobre_genero_e_a_invencao_de_um_pronome_nao-binario. Acesso em: 17 ago. 2021.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Provedores 2017**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil em 2020**. Florianópolis: Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.



IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018**: perfil das despesas no Brasil: indicadores selecionados. Brasília, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MONTEIRO, F.P. **Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais**. 2020. 239f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2020.

OLIVEIRA, A.N. Banida por ser trans?: a materialidade da denúncia no Tinder. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 13., 2020, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber13/paper/viewPaper/1375>. Acesso em: 07 ago. 2023.

SAFT, F. O “descortinamento” das vulnerabilidades da população LGBTQIA+ diante da pandemia de coronavírus. **Psicologia e Saúde em Debate**, Patos de Minas, v.6, n.2, p.346-355, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A23>. Acesso em: 07 ago. 2023.

SILVA, I.C.A.; LEITE JUNIOR, F.F. A bissexualidade como incógnita e fragmentação normativa ligada à dicotomia hétero/homo: cartografando produções em ciências humanas e sociais. **ID online Revista de Psicologia**, Jaboaão dos Guararapes, v.14, n.51, p.861-879, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/idonline.v14i51.2617>. Acesso em: 07 ago. 2023.



SEÇÃO II
ALGUÉM LHE DEU UM 'TAP'

CAPÍTULO 5

O que é e como o 'TAP' é utilizado pela comunidade de usuários/as e pela literatura científica?

Alessandro Teixeira Rezende

Willamys da Costa Melo

Introdução

Este capítulo tem por objetivo caracterizar o funcionamento do aplicativo de geolocalização TAP, bem como elucidar os elementos estruturais (gênero, sexualidade, masculinidade e cis-heteronormatividade, entre outros) que perpassam as representações identitárias de usuários/as que utilizam o aplicativo. Para isso, recorreu-se aos estudos de gênero e sexualidade como aporte teórico-metodológico do que será explanado aqui.

Como pontua Paul B. Preciado (2019, p.111), "Masculino e feminino são termos sem conteúdo empírico para além das tecnologias que os produzem". Diferenças postas pelas ciências biomédicas percorrem a história do masculino. Por exemplo, no período renascentista, o órgão estava atrelado apenas à reprodução; já nos séculos 19 e 20, narrativas sobre sexualidade, sangue e genes foram construídas. Portanto, as ciências não estavam apenas diferenciando os corpos, mas estabelecendo



parâmetros e limites (Debert, 2008). Isso quer dizer que são palavras preenchidas por discursos dominantes, por todo o aparato social em que se está inserido/a, (re)construídos ao longo do tempo, formando um enorme mosaico que vai se emoldurando no ser e no fazer.

Foi realizada uma breve revisão de literatura, a partir do descritor “TAP”⁴, utilizando-se como bases de dados Google Acadêmico, Scielo e PePSIC. Inicialmente, verificou-se que no Google Acadêmico há, aproximadamente, 13.000 textos (livros, artigos, capítulos de livro), nos mais variados idiomas, que possuem “TAP” no título, como palavra-chave e/ou no resumo. Na plataforma Scielo, por sua vez, foi possível refinar a busca e, dessa maneira, catalogaram-se apenas 7 (sete) artigos, em português, que apresentam a palavra “TAP”. Por último, na plataforma PePSIC, não obtivemos nenhum resultado.

Destaca-se que, nos sete artigos encontrados na plataforma Scielo, as discussões estão mais centradas nas experiências, corporificações e narrativas atreladas ao homem *gay* cisgênero por intermédio do TAP, ainda que dentro do aplicativo encontrem-se pessoas cis e trans e com sexualidades diversas. Com relação à metodologia, utilizamos entrevistas, análise de discurso e o *software* SPSS.

4 Reitera-se que os descritores das buscas reportadas, nesta oportunidade, não são os mesmos encontrados em base de dados. Neste sentido, servem apenas para ilustrar brevemente o panorama da literatura científica e contextualizar a leitura deste capítulo, portanto, não ferem a propriedade intelectual de qualquer instância e resguarda a organização da obra e a EDUFAL.



Não cabe aqui discorrer sobre todas as representações, categorias e elementos estruturais inseridos no TAP e, sobretudo, na sociedade brasileira. A reflexão ora elaborada é fruto de discussões acadêmicas e interlocuções com pesquisadores/as implicados/as em promover uma sociedade livre das amarras coloniais que aprisionam e desumanizam corpos colocados na posição de “Outros”.

Por dentro do TAP

Os rápidos avanços em tecnologia mudaram fundamentalmente as práticas de namoro entre pessoas solteiras. À medida que a tecnologia se desenvolveu e os indivíduos foram ficando cada vez mais sem tempo, as pessoas solteiras passaram a achar mais conveniente usar plataformas *on-line* para encontrar parceiros românticos. Um estudo do Pew Research Center (2016), por exemplo, revelou que 38% dos adultos americanos solteiros usavam aplicativos ou *sites* de namoro *on-line* para procurar um parceiro.

A experiência de namoro *on-line* é, sem dúvida, diferente do namoro tradicional em diversos aspectos. Por exemplo, um conjunto de parceiros em potencial é expandido para além dos contatos existentes do usuário e os algoritmos de correspondência permitem um refinamento simultâneo para filtrar parceiros não relevantes com base em critérios predefinidos. Nesse prisma, os serviços de encontro *on-line* se mostram especialmente eficientes



para membros de grupos específicos identificarem outros membros do grupo em potencial (Monica; Costa, 2019).

Dentro desse panorama, pesquisas (Austen; Bonell; Griffiths, 2022; Hammack *et al.*, 2022) sugerem que o namoro *on-line* pode ser particularmente útil para minorias sexuais, já que essa categoria social possui um grupo numericamente restrito de parceiros e opções limitadas para identificá-los. A esse respeito, Miskolci (2017) destaca que a busca por sexo e relacionamento entre parceiros do mesmo gênero vem acompanhando os processos tecnológicos, sendo inúmeras as redes de contato para esse tipo de grupo social.

Dentre as possibilidades, está o aplicativo TAP, que se configura como um dos mais utilizados pelo público masculino e homossexual. O programa facilita encontros e contatos entre seus usuários por meio da tecnologia de geolocalização Global Positioning System (GPS), que permite que os indivíduos tenham a possibilidade de visualizar quem está próximo usando a rede. Tendo em vista sua funcionalidade enquanto mecanismo de geolocalização, o *software* acaba sendo utilizado como um instrumento que promove sexo rápido e casual, com a finalidade de proporcionar prazer momentâneo para seus usuários (Cardoso *et al.*, 2019).

Lançado em 2009, o TAP foi um dos primeiros aplicativos utilizados para busca de parceiros, estando disponível atualmente tanto nos sistemas Android como iOS. Os usuários do programa possuem uma vasta gama de possibilidades de interação e podem consolidar diversos tipos de acordos sexuais. Para além



disso, os perfis podem ser caracterizados mediante dados como idade, altura, peso, preferências sexuais, “tribos”⁵, etnia, sorologia para HIV e data do último exame, dentre outras informações. Em sua maioria, os perfis apresentam fotos públicas que o próprio usuário escolhe como forma de apresentação visual de seu perfil. Tais imagens são avaliadas previamente pelo aplicativo, de modo a evitar publicações de fotos pornográficas ou de forte insinuação sexual. Caso o usuário opte por enviar fotos pornográficas e/ou íntimas, precisará fazê-lo diretamente pela caixa de mensagem do perfil de quem esteja interessado. É possível também que o usuário não utilize nenhuma foto no perfil, a fim de manter o anonimato e a privacidade (Alencar, 2018).

Com o TAP, o usuário pode visualizar as 99 pessoas mais próximas, trocar mensagens privadas, fotos e mapas. Tal mecanismo alterou de forma significativa as dinâmicas do sexo entre homens, bem como a relação estabelecida entre essa forma de sexualidade e o espaço público. Com isso, o TAP, assim como seus sucessores, redefiniu a busca por parceiros, sobrepondo as realidades *on-line* e *off-line* e, conseqüentemente, rompendo com as distinções anteriormente utilizadas para entender o “mundo virtual” em oposição ao “mundo real” (Cardoso *et al.*, 2019). Uma de suas diferenças mais destacáveis em comparação com outros

5 O TAP traz a possibilidade do usuário se encaixar em diferentes grupos que fazem referências a características físicas, pessoais e sociais de homens gays. Tais grupos são comumente denominados “tribos” e o aplicativo oferece as seguintes opções: Urso, Elegante, Papai, Discreto, Nerd, Barbie, Couro, Malhadinho, Soropositivo, Cafuçú, Trans, Garotos e Sóbrio.



aplicativos disponíveis (como Hornet e Like) é que seu uso se configura para práticas sexuais aleatórias e pontuais, comumente chamadas, nesse ambiente, de “fast foda” ou “sexo rápido”. A partir disso, os usuários se relacionam por meio das possibilidades tecnológicas de interação disponibilizadas por essas redes, mediante a praticidade na busca de parceiros. É nesse sentido que a digitalização dos corpos sociais se vincula à interação tecnológica entre duas ou mais pessoas permeadas por códigos e papéis sociais (Corrêa; Cruz, 2019).

No que concerne à construção de perfis no TAP, a literatura (Alencar, 2018; Cardoso *et al.*, 2019) coloca que existe uma predominância de fotografias que enfatizam a estética do corpo másculo, em que aparecem, principalmente, abdômen, braços, pernas, pés, queixo e recortes da boca e dos olhos. Já em relação aos nomes escolhidos pelos usuários para compor o perfil, observa-se que a maioria não faz uso do próprio nome, mas de apelidos ou termos que fazem menção a posições sexuais, profissões, localização e *hobbies*. É importante destacar que, em muitos perfis, há procura por homens discretos, masculinos e não afeminados. Observa-se, assim, que entre muitos dos perfis do TAP existe uma tentativa de consolidar padrões de masculinidade hegemônicos através de autodescrições, tais como “sou masculino”, “sou macho” e “procuro por machos” (Corrêa; Cruz, 2019).

A partir do panorama exposto, foi possível presenciar, nas últimas décadas, o aprimoramento de novas ferramentas de comunicação humana, em especial os *smartphones*, que, dentre



outras funcionalidades, disponibilizam uma miríade de aplicativos de relacionamentos com o propósito de auxiliar na busca por pares amorosos, sexuais e/ou afetivos (Costa, 2020). De acordo com Miskolci (2017), homens que buscam relações sexuais e afetivas com outros homens foram um dos primeiros grupos a se beneficiar do uso desses programas, sobretudo pela marginalização social da homossexualidade e a conseqüente necessidade de sigilo e discrição em suas atividades sexuais. Nesse âmbito, os aplicativos digitais se tornaram instrumentos despersonalizados e propícios para encontros discretos e sigilosos para esse grupo social. Os espaços tradicionais de encontros, como becos e bares, entraram gradativamente em concorrência com os *softwares* de “paqueras” virtuais. Assim, se tornaram um instrumento perfeito para aqueles que precisam e almejam realizar seus desejos sexuais, mas dentro de padrões sigilosos e privativos (Medeiros, 2018).

Paralela a essa discussão, Miskolci (2017) pontua que a busca por parceiros em ambientes virtuais é movida por desejos sexuais que não se vinculam estritamente ao ímpeto sexual, mas se enquadram também em uma busca digital que envolve aspectos implícitos (além do sexo) referentes ao anseio de aceitação e/ou inserção social a um determinado grupo. É nessa conjuntura que as interações digitais de corpos e humanidades representam um reflexo das personalidades que são construídas mediante o meio sociocultural, de modo que os padrões de gênero e estética que marcam esses corpos são “transferidos” do meio físico para o digital.



Para além dos objetivos relacionais que o aplicativo proporciona, é importante destacar que o TAP, como outros programas, redimensiona as personalidades de seus usuários para a esfera digital, assim como suas sociabilidades (Miskolci, 2017). Especificamente no TAP, tais configurações perpassam diretamente a construção de gênero e sexualidade em que os usuários estão inseridos, refletindo-se, concomitantemente, em um espécime de “catálogo” de corpos disponíveis para interações com finalidades sexuais. Nesse âmbito, constata-se que os perfis do aplicativo expõem uma forma de digitalização dos corpos e desejos, estando reconfigurados no meio virtual para a busca de relações sexuais (Ruani; Teixeira; Couto Junior, 2022).

Sobre isso, o grande destaque e sucesso do TAP está na possibilidade de garantir anonimato e instantaneidade relacional, diferenciando-se de outros aplicativos que buscam interações que não se resolvem no instantâneo (como Like e Badoo), reduzindo o impacto dos aspectos relacionados à privacidade e à não exposição dos usuários (Monica; Costa, 2019). A esse respeito, é importante destacar que a categoria LGBTQIAPN+ foi, por décadas, construída por relações silenciadas, compostas por práticas enclausuradas no privado e distantes do olhar público, restringindo-se a espaços marginais e subalternos das cidades. Muitas dessas relações ocorriam, por isso, à deriva, entre sujeitos desconhecidos que ansiavam por formas de “pegação” rápidas e ágeis, de maneira que marcavam encontros em espaços como banheiros públicos, saunas, becos e praças escuras. Tais espaços,



embora ainda muito frequentados, ganharam concorrentes que facilitaram os encontros no anonimato, como aplicativos móveis de relacionamentos homoafetivos conhecidos como “aplicativos de pegação” (Costa, 2020).

É justamente na fronteira entre o mundo *on-line* (espaço virtual) e o mundo *off-line* (espaço físico) que se encontra a dimensão das práticas e experiências cotidianas que compõem a cena social do mundo moderno. Em outras palavras, o mundo virtual se tornou uma possibilidade de relações afetivo-eróticas-sexuais devido à intensa difusão e potencialidade de encontrar parceiros sexuais virtuais que podem se tornar físicos e adequados às fantasias subjetivas de cada indivíduo (Cardoso *et al.*, 2020). Ao mesmo tempo em que as mídias digitais ampliaram o cenário sexual, criando “armários digitais” e a possibilidade de relações entre pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, Miskolci (2017) chama a atenção para o sofrimento psíquico dessa interação mediada pela internet.

A esse respeito, o autor destaca que, dentro da conjuntura das interações do TAP, o parceiro sexual “ideal” seria aquele indivíduo branco, com físico atlético, de classe média e de cabelo curto. As experiências de homens que não atendem a esse perfil no aplicativo são, em geral, de rejeição. A pesquisa tem mostrado consistentemente que experiências de recusa nesses programas promovem sofrimento psíquico, baixa autoestima e ansiedade, comprometendo significativamente o autoconceito e a autoconfiança dos indivíduos (Beymer; Rossi; Shu, 2016;



Goedel *et al.*, 2017). Melo e Santos (2020), por exemplo, ao avaliar as representações identitárias e a heteronormatividade no TAP, verificaram que, devido ao preconceito e à segregação social, muitos homossexuais utilizam o espaço cibernético como “esconderijo” para manifestar seus desejos sexuais e afetivos.

Desse modo, o espaço disponível para a construção do perfil no TAP funciona como uma possibilidade de performance em que os usuários explicitam quem são e o que objetivam com o uso da ferramenta, reproduzindo, através de discursos, enquadramentos sobre gênero e sexualidade. De acordo com Couto *et al.* (2016), tais descrições podem ser entendidas como produções de si, que se estruturam na afirmação ou rejeição de atributos disponíveis para representação de um “eu” no aplicativo. Sobre isso, é relevante pontuar que este “eu” construído no mundo digital não remete a uma individualidade imersa em um vácuo social, mas a modos de “ser sujeito” que estão diretamente atrelados a expressões socioculturais de gênero.

Nesse panorama, Saraiva, Santos e Pereira (2020) vão elencar que, dentro das dinâmicas do TAP, as relações de gênero alicerçam-se em uma espécie de hierarquia em que a dominação masculina coloca os homens em uma situação de privilégio social frente a características tidas como menos “masculinizadas” ou femininas. Assim, no caso de homens que se relacionam com outros homens, nota-se a presença da homofobia internalizada, na medida em que há uma forma de discriminação contra aqueles que apresentam atributos/características do gênero feminino.



Estrutura-se, desse modo, uma hierarquia dentro das próprias vivências não heterossexuais entre os homens, elucidando uma lógica não binária de dominação masculina que serve de base para a inferiorização daqueles que se aproximam do que é socialmente esperado como feminino. Tal lógica apresenta articulação direta com as dinâmicas sexuais entre os homens que utilizam aplicativos na busca de sexo, estando presentes na linguagem utilizada no aplicativo.

Especificamente na realidade brasileira, ainda existem fortes discursos estigmatizados quanto à orientação não heterossexual nas dinâmicas interativas estabelecidas entre os usuários do TAP. Nos textos verbais dos perfis, por exemplo, é comum solicitações que possuem como preferência as seguintes descrições: “busco caras discretos”, “não curto afeminados” e “só posso no sigilo”. Tais enunciados evidenciam a forte preocupação em manter o anonimato e o sigilo para evitar qualquer forma de retaliação e indicam que todo o processo de exclusão e discriminação vivenciado no meio social “não digital” é expresso também na realidade *on-line*, por meio das escolhas realizadas ou pelas interações sexuais estabelecidas.

Ademais, constata-se que a internalização de atitudes negativas frente à homossexualidade ao longo da vida faz com que uma grande parcela de homens *gays* autodenominem-se no perfil como “macho discreto” ou exponham não curtir “afeminados demais”. Na busca de tentar fugir de características que permitam identificá-los como *gays*, muitos usuários do TAP apresentam



fortes rejeições a qualquer forma de efeminação masculina, já que ela parece estar diretamente associada à homossexualidade (Ramos; Cerqueira-Santos, 2020).

Construção das masculinidades no TAP

As pesquisas sobre masculinidades iniciaram-se em 1970, dentro dos estudos feministas de gênero, e, posteriormente, começaram a se construir de uma maneira mais elaborada e organizada. Ao longo do tempo, houve tentativas de escutar vozes não privilegiadas ou subalternizadas, que destoam da voz masculina hegemônica tida como universal (Bento, 2015). Fazendo uso das palavras de Berenice Bento (2015, p.83):

Os estudos sobre os homens tentam compreender os mecanismos sociais por meio dos quais estes estruturam suas práticas, pensando-as relacionalmente. Mas o “relacional” aqui transcende os limites entre homem e mulher. Há uma preocupação em pensar como os próprios homens relacionam-se entre si, contribuindo para a construção de sua identidade de gênero.

O que seria, então, “masculinidade hegemônica”? O conceito vem sendo desenvolvido pela cientista social australiana Raewyn Connell. Segundo ela, seria aquela masculinidade posta enquanto normativa, superior, acima de todas as outras, dominadora sobre homens e mulheres, subordinando funções de gênero e



identidades (Connell; Messerschmidt, 2013). Acrescentem-se ainda homens que se beneficiam do patriarcado, legitimando práticas e posturas machistas e sexistas. Como bem coloca o sociólogo Daniel Welzer-Lang (2001, p.461), por meio dela, os homens “dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”.

Na contemporaneidade, ao falar sobre masculinidades, deve-se reconhecer a pluralidade de características dos indivíduos para além das funções de gênero. Não mais de uma maneira imóvel ou estática, mas enquanto formas de expressão, ultrapassando os limites naturalizados no ser homem e no ser mulher (Gama, 2016). Dialogando com Machado (2016), vive-se uma “crise masculina” emergente em nossa sociedade, isto é, a tentativa de se reinventar, de incluir outras performances, de quebrar regras preestabelecidas e comportamentos hegemônicos designados ao que é ser homem. Pensar numa definição para “masculinidade(s)” é, simplesmente, limitar sua concepção. Na tentativa de não enquadrar nem reduzir, observa-se que o “ser homem” é constituído por diversas maneiras em cada sociedade e milhares de masculinidades podem ser performadas no mesmo ambiente.

Nosso corpo é (re)elaborado ao longo da história. Perante o imaginário social, o homem – ou melhor, a masculinidade ideal – é posto como um “cara viril”, cisgênero, de cor branca, com poder aquisitivo, além de heterossexual (Rodriguez, 2019). Logo, pode-



se questionar: todos aqueles que estão fora desses elementos estruturais não correspondem à masculinidade hegemônica ideal? Sendo assim, tudo o que está para além desses estereótipos não pode gozar dos mesmos direitos? Um conjunto de leis, morais e crenças manipula nossa maneira de performar e (re)força preceitos de uma dita masculinidade colocada como hegemônica (Souza, 2010).

Um grupo detém e usufrui de poder, enquanto outro, pertencente às masculinidades periféricas, sofre os efeitos colaterais (Rodriguez, 2019). Para Paul B. Preciado (2018), a construção do que é gênero, masculinidade e feminilidade encontra-se atrelada à indústria fármaco-pornográfica. Para o autor, tal elaboração está relacionada ao capitalismo industrial:

Longe de ser a criação de uma agenda feminista, a noção de gênero pertence ao discurso biotecnológico que apareceu nas indústrias médicas e terapêuticas dos Estados Unidos no final da década de 1940. (Preciado, 2018, p.109).

Portanto, entende-se que o gênero possui essa maleabilidade, em que sempre haverá tentativas de reparos, modificações, cortes, adições e infinitas mudanças. Em A guerra declarada contra o menino afeminado, o sociólogo peruano Giancarlo Cornejo (2012) apresenta, a todo o momento, como o corpo de um garoto *gay* está sendo patologizado e circunscrito



por normas e regras, como também modelado por performances de gênero. O autor ilustra, dessa maneira, a força de uma cultura cis-heteronormativa.

Constantemente, o ser homem está sendo moldado e encaixado em um determinado contexto, performando de diversas maneiras e trazendo sempre novas representações. Tratando-se especificamente do homem do Nordeste do Brasil, local de origem dos autores deste capítulo, ainda persiste uma forte ideia do “cabra macho” – mas não só isso: também é retratado como menos corajoso, desprovido de força e intelectualmente inferior (Freires *et al.*, 2023). A mídia, cotidianamente, representa a masculinidade nordestina distante das verdadeiras realidades, ou seja, coloca-nos em um bloco homogêneo de homem macho, rude e viril (Gama, 2016). Ainda segundo a autora, é desonesto não fundamentar a influência direta dos colonizadores portugueses (modos, costumes e crenças), como também não conceber características de africanos e ameríndios. Em suma, somos seres múltiplos, diversos, com manifestações culturais variadas.

Entende-se que as masculinidades são produzidas pelo mosaico de intersecções e performadas de acordo com as mais distintas realidades, como também por todos os mecanismos reguladores (igreja, escola, herança colonial, moral, leis etc.) que perpassam a construção das masculinidades e feminilidades. Mecanismos que, em detrimento dessas feminilidades, forjaram superioridades e inferioridades em relação ao gênero, instauraram nomeações em nossos corpos e, assim, modificam a dinâmica



das relações sociais (Souza, 2010) em se tratando de uma intensa dinâmica de poder, sobretudo, na relação entre nós, homens (Santos; Detoni; Novais, 2019). Afinal, nos diferenciamos entre nós mesmos, seja por nossa raça e etnia, sexualidades, idade ou classe, entre outros elementos estruturais.

Considerando especificamente as dinâmicas estabelecidas no TAP, observa-se que os discursos que se aproximam do feminino são tidos como características negativas para a maior parte dos usuários do aplicativo (Freires *et al.*, 2023). Desse modo, a efeminação masculina se configura como uma das maiores rejeições entre os usuários, por estar diretamente relacionada à categoria de homossexualidade, isto é, àquele que não atende aos padrões de “macho viril” e que foge do que é socialmente entendido como masculino pela cultura (Miskolci, 2015).

A busca de uma identidade masculina em detrimento da identidade feminina é representada como forma de superioridade, reforçando a própria dominação cultural de gênero por meio da heteronormatividade e da misoginia. Partindo dessa lógica, temos o termo “macho” para designar o *gay* mais valorizado e masculino e “bicha louca” para fazer referência ao que é feminino, patológico e desviante. A cristalização desses preconceitos históricos no TAP ocorre, principalmente, a partir da disseminação de discursos linguísticos que acabam por classificar alguns sujeitos como “normais” e outros como “desviantes” (Alencar, 2018).

De acordo com Medeiros (2018), tais concepções presentes na dinâmica do TAP reforçam uma cultura sexista que inferioriza o



papel da mulher como aquela que é penetrada na relação sexual e instaura a concepção do comportamento *gay* masculinizado como algo mais “favorável”, sendo atribuído àquele que penetra o papel de homem “verdadeiro”, sem perder o *status* social de masculinidade. Nessa lógica, a preocupação pela autoafirmação da masculinidade no TAP está estritamente associada à necessidade sociocultural de manter a virilidade (“não curto afeminados”), a brutalidade (“curto meter e socar forte”) e a superioridade (“seja *gay*, mas pelo menos tenha jeito de homem”).

A desvinculação da própria imagem de uma categoria identitária *gay* caracteriza-se como uma das estratégias comuns presentes nas interações entre os usuários do aplicativo. É nesse cenário que a heteronormatividade se manifesta nos perfis, a partir da adoção de um repertório comportamental que fornece maior nível de discrição e sigilo, um rígido controle de exposição de rosto e nome e valorização da masculinidade por meio do corpo forte e viril (Cardoso *et al.*, 2019).

Para além dos aspectos supracitados, é importante destacar que a estratégia de silenciamento e discrição dos usuários do aplicativo não corresponde unicamente ao distanciamento de uma identidade homossexual, mas também da aproximação de uma identidade “heterocêntrica”, marcada por virilidade máscula, brutalidade, força física e dominação. A partir de descrições como “não curto afeminados”, “discreto”, “sigiloso” e “sou macho”, observa-se a busca pelo silenciamento e a negação das identidades



homossexuais mediante afirmação da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade, sobretudo com aspectos referentes à voz e ao corpo (Couto *et al.*, 2016).

Considerações finais

Considerando a expansão do uso dos inúmeros canais de mediação virtual do sexo, entende-se que o estudo das plataformas virtuais de relacionamento e de suas apropriações pode ser um profícuo caminho para a compreensão das construções de gênero e das relações entre sujeito e tecnologias na contemporaneidade.

A intenção dos autores, neste capítulo, é iniciar e despertar desejo e/ou vontade para mais pesquisas sobre masculinidades, gênero e programas de geolocalização. Antes da invenção dos aplicativos, a mediação virtual do sexo entre homens ocorria a partir de comunidades e salas de bate papo *on-line*; contudo, estas não permitiam o uso da localização por satélite, funcionando de modo que as salas pudessem ser acessadas a partir de qualquer lugar. Por exemplo, uma sala direcionada para encontro em Maceió poderia ter participação de alguém em Pernambuco ou em qualquer outra localização geográfica com acesso à internet. Em meio a isso, o TAP e os demais aplicativos que o sucederam alteraram drasticamente a lógica da busca por parceiros sexuais, sobrepondo as dimensões *on-line* e *off-line* e rompendo, conseqüentemente, com distinções anteriormente



utilizadas para entender o mundo “virtual” em oposição ao “mundo real”.

Em suma, a digitalização dos desejos não é um processo desconectado de uma sociedade digital. Pelo contrário, ela está alicerçada em um contexto amplo de digitalização das relações humanas como um todo. Pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ acessam, em uma miríade de redes, a possibilidade de encontros sexuais e/ou afetivos com outras pessoas. O TAP, criado em 2009, foi o primeiro aplicativo que disponibilizou um catálogo digital de expressões de masculinidades variadas, que perpassam hierarquias e construções de gênero concebidas na realidade sociocultural.



Referências

ALENCAR, V. Resistência a padrões e normas em aplicativos de encontros *gays*. **Interfacis**, [S.l.], v.3, n.2, p.57-70, 2017. Disponível em: <http://facisaead.com.br/ojs/index.php/interfacis/article/view/93>. Acesso em: 26 nov. 2023.

AUSTEN, E.; BONELL, S.; GRIFFITHS, S. Fat is feminine: a qualitative study of how weight stigma is constructed among sexual minority men who use Grindr. **Body Image**, [S.l.], v.42, p.160-172, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.06.005>. Acesso em: 26 nov. 2023.

BENTO, B. Masculinidade hegemônica e outras masculinidades. In: **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2015. p.81-99.

BEYMER, M.R.; ROSSI, A.D.; SHU, S.B. Assessing self-control and geosocial networking app behavior among an online sample of men who have sex with men. **Journal of Urban Health**, Nova York, v.93, n.4, p.698-708, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11524-016-0056-7>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CONNEL, R.W.; MESSERCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1, p.241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CARDOSO, J.G.M. *et al.* Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, São Paulo, v.30, p.01-11, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180160>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CORRÊA, J.A.M.; CRUZ, M.S. Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e aplicativos de relacionamento. **Revista Heterotópica**, Uberlândia, v.1, n.2, p.108-135, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n2-2019-50080>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CORNEJO, G. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.69-78.

COSTA, R.S. O que procura? A digitalização do desejo e as performances de masculinidades no aplicativo Grindr. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n.32, p.188-213, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.29262>. Acesso em: 26 nov. 2023.

COUTO, W. *et al.* Práticas sexuais em geolocalização entre homens: corpos, prazeres, tecnologias. **Athenea Digital**, [S.l.],



v.16, n.2, p. 169-193, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.1621>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DEBERT, G.G. Masculinidade, feminilidade e a reprodução das desigualdades. **Cadernos Pagu**, Florianópolis, v.30, p.409-414, 2008. Disponível em: [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/2008\(30\)/Debert.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/2008(30)/Debert.pdf). Acesso em: 26 nov. 2023.

FREIRES, L.A. *et al.* “Muito prazer, sou...”: desejos online em Terras de “cabra macho”. In: BATISTA, L. **Por um Nordeste desdobrado**: veredas e devires da pesquisa em Psicologia. Maceió: Edufal, 2023. p.138-150.

GAMA, J.F.A. **“Né homem não?”**: retratos das masculinidades: entre as singularidades e a hegemonia. 2016. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

GOEDEL, W.C.T. *et al.* Associations between perceived weight status, body dissatisfaction, and self-objectification on sexual sensation seeking and sexual risk behaviors among men who have sex with men using Grindr. **Behavioral Medicine**, Londres, v.43, n.2, p.142-150, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/08964289.2015.1121130>. Acesso em: 26 nov. 2023.

HAMMACK, P.L. *et al.* “White, tall, top, masculine, muscular”: narratives of intracommunity stigma in young sexual minority men’s experience on mobile apps. **Archives of Sexual Behavior**, [S.l.], v.51, n.5, p.2413-2428, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02144-z>. Acesso em: 26 nov. 2023.

LANG-WELZER, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis,



v.9, n.2, p.460-482, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MACHADO, B.F. Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade em Onde estão os ovos?, de Fabrício Carpinejar. **Revista Mosaico**, Vassouras, v.7, n.11, p.49-63, 2018. DOI: <https://doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64777>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MEDEIROS, E.S. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivos-sexualmente com homens: te(n)sões** entre masculinidades no aplicativo Grindr. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MELO, T.B.; SANTOS, M.E.P. “Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n.31, p.01-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30461>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, R. “Discreto e fora do meio”: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.44, p.61-90, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4449201500440061>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MONICA, E.F.; COSTA, R.S. Economias sexuais e normatividade de gênero: o tratamento sociojurídico da prostituição masculina no Brasil. **Interfaces Científicas-Direito**, Aracaju, v.7, n.3, p.39-52, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-381X.2019v7n2p159-172>. Acesso em: 26 nov. 2023.



PRECIADO, P.B. **Testo junkie**. São Paulo: n-1, 2018.

RODRIGUEZ, S.S. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Revista Diversidade e Educação**, Natal, v.7, n.2, p.276-291, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9291>. Acesso em: 26 nov. 2023.

RUANI, R.M.; TEIXEIRA, M.M.; C. JUNIOR, D.R. “Isso já passou, tá geral se pegando já”: investigando os usos do Grindr em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.134-149, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62246>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SANTOS, H.B. dos; DETONI, P.P.; NOVAIS, F.L.M. Movimento de homens; homens em movimento: dissonâncias no debate sobre as masculinidades. **Revista Diversidade e Educação**, Natal, v.7, n.2, p.252-275, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9625>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SOUZA, R. Rapazes negros e a socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.3, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100006>. Acesso em: 26 nov. 2023.



CAPÍTULO 6

Uma análise comparativa de perfis de homens gays nordestinos no TAP e no Like

José Anderson da Costa Silva Filho

Heitor Marinho da Silva Araújo

Introdução

As relações humanas são moldadas de acordo com a época e o contexto social em que estão inseridas. Vínculos familiares, afetivos e sexuais têm influência direta de crenças cis-heteronormativas-heterossexistas (Guerra *et al.*, 2014), que modelam as expressões cognitivas e comportamentais dos indivíduos. O heterossexismo se organiza para além dos aspectos da orientação sexual, podendo ser compreendido enquanto norma social que se insere em questões jurídicas, políticas e econômicas, entre outras. Nesse sentido, essas “leis gerais”, como conjunto de normas universalizantes, influenciam diretamente comportamentos, de maneira que as pessoas que se inserem nos padrões obtêm grau de superioridade em comparação com indivíduos que estão fora dos padrões de comportamento heterossexistas (Pino, 2016).

Nesse contexto, os avanços tecnológicos mais recentes são ferramentas importantes para a alteração nos modos dos



indivíduos se relacionarem e interagirem. As tecnologias tornaram-se fundamentais para pessoas de minorias sexuais, que tendem a buscar rotas alternativas para expressar seus desejos afetivo-sexuais fazendo uso da internet, por exemplo (Miskolci, 2017).

A possibilidade de se manter conectado à internet a todo o momento via celular, como cita Miskolci (2017), fez as pessoas introduzirem expressões como “estou com pouco sinal” ou “estou sem bateria”, o que demonstra a força que essa ferramenta tem na atual conjuntura para ditar a forma como é exercida a interação social. Dessa maneira, percebe-se o quanto as tecnologias foram incorporadas como parte do próprio indivíduo. Com o surgimento de *softwares* de geolocalização (GPS), foi possível a criação de novas plataformas de interação, inclusive para fins afetivo-sexuais (Miskolci, 2017). Os aplicativos de paquera trouxeram mudanças significativas nas formas de se buscar parceiros e parceiras *on-line*. Com a criação dos programas, foi possível entender esse espaço como propício para demonstração do livre desejo, anonimato e autonomia, o que facilita a comunicação e, ao mesmo tempo, que os usuários não sofram retaliações, proibições e violências por isso (Miskolci, 2017).

Destacam-se alguns aplicativos, como o TAP. Criado em 2009 por Joel Simkhai, o TAP foi o primeiro voltado para homens que buscam parceiros *on-line*. Atualmente, existem diversos aplicativos de busca de parceiros/as afetivo-sexuais devotados ao público gays, trans, bi e queers. Algumas comunidades podem chegar a milhões de usuários diários em todo o mundo, segundo dados expostos pelas próprias plataformas.



Outra ferramenta é o *Like*, descrito como líder entre as plataformas voltadas para namoros heterossexuais móveis nas sociedades ocidentais (Timmermans; Caluwé, 2017). Além disso, o *Like* é o *software* gratuito mais popular do mundo, segundo a própria empresa. Tais programas surgem como alternativa para a população LGBTQIAPNb+, pois abrangem um público muito maior e disponibilizam filtros capazes de determinar que tipo de parceiro será mostrado para o usuário, o que seria impossível de acontecer na realidade.

O advento, em 2020, da pandemia de Covid-19 e suas restrições sanitárias fez com que o mundo se adequasse às mudanças socioculturais e econômicas que refletem diretamente na nossa forma de se relacionar (Bittencourt, 2020). O isolamento social nos fez repensar nossas interações e a virtualidade se tornou a principal forma de convivência. Conseqüentemente, houve um aumento no uso e nas conversações dentro dos aplicativos de relacionamento (Cozer, 2020).

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é analisar e comparar os homens usuários do *Like* e do *TAP*, do Nordeste brasileiro, a partir das descrições de seus perfis pessoais, além de conferir se houve influência da pandemia de Covid-19 na forma dos usuários se relacionarem no *TAP*, visto que o *app* geralmente provê encontros que tendem a ocorrer no mesmo dia de início da interação entre os usuários. O presente estudo toma como referência o trabalho de Freires *et al.* (2023) para investigar as expressões de desejo desses homens nordestinos em aplicativos



de geolocalização.

Informações sobre a pesquisa

A coleta de dados foi realizada *on-line* nos aplicativos TAP e *Like*. Os perfis são públicos e os *apps* não são pagos: ambos estão disponíveis para os sistemas operacionais iOS e Android. Foram coletados 100 perfis distribuídos entre as nove capitais do Nordeste brasileiro: Aracaju (SE), Fortaleza (CE), João Pessoa (PB), Maceió (AL), Natal (RN), Recife (PE), Salvador (BA), São Luís (MA) e Teresina (PI). Os critérios de inclusão para o TAP foram: perfis em português e que tivessem autodeclarada maioridade, acima dos 18 anos. No caso do *Like*, houve a necessidade de incluir o critério: usuário que se autodeclara homem em busca de outros homens para se relacionar.



Análise de dados

Os dois bancos de dados, um de cada *app*, foram analisados a partir do *software* Iramuteq (Ratinaud, 2009). As análises utilizadas foram a de classificação hierárquica descendente (CHD), que divide o banco de dados a partir de classes que aglutinam os tipos de conteúdo presentes, e análise de similitude, que nos indica conexão entre as palavras por meio da identificação das co-ocorrências nos *corpora* (Ratinaud; Marchand, 2012).

Resultados *Like*

Com aproveitamento de 86,59% de seu conteúdo, o *corpus* textual do *Like* foi composto por três subtópicos, sendo um deles apenas pela classe 3, em oposição ao eixo das classes 2 e 1.

Desejo afetivo

Sendo o subtópico mais representativo do *corpus*, aqui constam os conteúdos presentes nas biografias que versam sobre o que os usuários procuram em parceiros congêneres. O termo “amizade” aparece de forma expressiva nesta classe, demonstrando que a procura desses homens se dá, inicialmente, pela necessidade de compartilhar momentos de afeto com uma figura com quem se nutrem sentimentos positivos. Exemplos desses conteúdos: “Sei nem o que falar mas sou extrovertido a fim de amizades e quem sabe algo mais! É isso.”; “Disposto a conhecer alguém pelo qual eu me identifique e podendo assim futuramente desenvolver algo mais sério e concreto.”

Ações dentro do aplicativo

Neste subtópico, estão presentes conteúdos sobre ações na virtualidade que guiam a forma de interação social dos usuários dentro do aplicativo. Majoritariamente, os homens têm colocado



seu@doInstagramcomoumaindicaçãoodelocalondeaconversaço seria de mais fácil acesso, sob diversas justificativas. Exemplos de conteúdos podem ser vistos a seguir: "ForaBolsonaroGenocida @ user_do_instagram P.s. se não responder aqui me chama no insta"; "@user_do_instagram! Adepto de conversas informais e nas horas vagas te carrego de adc! Tão aleatório e imprevisível como o clima de jampa."

Apresentação de si

Estão presentes aqui conteúdos sobre gostos pessoais, posicionamentos e questões mobilizadoras dos usuários, falando de si em primeira pessoa, e não sobre a interação ou o que esperam de um parceiro. Portanto, tratam-se de conteúdos que se opõem aos dois temas anteriores. Alguns exemplos de apresentação de si presentes no *corpus*: "Tímido, ciumento, carinhoso e verdadeiro. Não procuro um namorado, procuro um companheiro que seja meu amigo, marido, irmão, colega, pai e que venha pra somar! touro. Amizades novas também são bemvindas. A gente só acerta tentando."; "Sou caboclo do sertão, só tenho amor no coração pra oferecer. Sempre é bom conversar, conhecer e ver o que pode acontecer."

Resultados TAP

Com um aproveitamento de 77,85%, o *corpus* textual do TAP também foi dividido em três subtópicos.



Desejo sexual

Nesta temática, estão presentes conteúdos sobre posição sexual e preferências dos usuários para com o(s) parceiro(s) no aplicativo. A binaridade ativo-passivo e o marcador da masculinidade fazem-se presentes na demanda e na cobrança dentro do *app*. A seguir, podemos conferir exemplos dessas biografias: "Sou sempre ativo e procuro passivos discretos que goste de ser passivo. Proibido fumantes. Proibido casados. Proibido sem foto no perfil. Proibido curioso. Proibido depressivos. Proibido ninfomaníacos. Solteiros e decididos."; "Magro, alto, 29 anos. preferência por caras magros, nada contra aos padrões e gordinhos só é uma questão de preferência. Não sou nem curto afeminados. Aberto a possibilidades! Conversem antes de mais nada. Quer foto? Mande."



Desejo afetivo

Podendo se opor, mas sendo complementar ao tópico dos desejos sexuais, aqui os homens expressam seus interesses de perpetuar ou criar um vínculo afetivo com o provável parceiro dentro do *app*. As intenções são conversar, antes de tudo, para ver o que pode acontecer a partir da interação social. Alguns exemplos: "Chega um momento da vida que a gente só quer paz, boa companhia e tranquilidade. A gente cansa de amores complicados e de paixões desenfreadas. Queremos alguém que nos faça sentir paz abrace forte e diga 'estou aqui!"; "Se quiser ver meus nudes, só pessoalmente. Não estou procurando nada sério, mas com

essa pandemia também não estou afim de sair logo de cara. Com conversa a gente se entende.”

Ações dentro do aplicativo

Opondo-se aos desejos afetivo-sexuais, aqui os conteúdos refletem as demandas dos usuários para com os outros usuários. Há uma exigência de que se envie foto no início da conversa, para que se prossiga a interação social, bem como a necessidade de não ficar apenas nas “cutucadas” que o *app* permite que o usuário dê para chamar a atenção de outro. É importante ressaltar que as operações interativas do programa formaram um tópico no *corpus* do *Like*. Alguns exemplos desse conteúdo: “Por favor, não chegue enviando nudes. Vamos conversar primeiro, se eu não responder é porque não tive interesse. Só vou bloquear em caso de falta de noção.”; “Chegue logo com a foto do rosto para facilitar as coisas, retribuirei em seguida. Prefiro mensagens e não taps.”



Discussão

O presente trabalho objetivou observar e analisar de que forma homens *gays* se apresentam e expressam seus desejos no âmbito digital. A expressão do desejo de minorias sexuais foi, historicamente, vista enquanto tabu para as grandes instituições de nossa sociedade e como desvio moral, patologia e promiscuidade (Miskolci, 2017). Trata-se de uma temática que ainda vem sendo discutida nas Academias, até o momento, de forma incipiente. O

estudo apresenta dados interessantes para discutir a dimensão do desejo afetivo de homossexuais e que pode servir de recurso para futuros estudos sobre o tema.

Foi possível perceber a importância da internet e do uso desses aplicativos para toda a comunidade LGBTPQIANb+, pois esse ambiente virtual oferece segurança, privacidade e anonimato, principalmente no Nordeste, que é entendido como uma região conservadora e marcada por estereótipos de masculinidades rígidas (Silva Filho *et al.*, 2019). Segundo o Relatório Anual do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2021), dos 12 Estados ranqueados como mais violentos para as minorias sexuais em 2018, metade está localizada no Nordeste, o que evidencia a necessidade de explorar a região e buscar respostas para essas violências.

Ainda é interessante salientar que os dados possuem um recorte regional e as discussões não podem ser vistas de forma generalizada. Sobre as limitações da pesquisa, deve-se levar em conta que os aplicativos de paquera são manejados por uma lógica capitalista, sendo necessária a disposição de alguns recursos materiais e financeiros para o uso das plataformas, como *smartphones* e acesso à internet. Por conseguinte, é possível apontar um recorte de classe nos resultados encontrados. Segundo dados do IBGE, o Nordeste possui o maior nível de pobreza (Pnad, 2017; 2018) e o maior percentual de usuários com baixo acesso à internet (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020).

O período pandêmico influenciou significativamente a coleta de dados, visto que houve aumento do uso dos aplicativos



(Cozer, 2020), mesmo não tendo modificações consideráveis nos dados comparativos entre os períodos pré- pandêmico e pandêmico. Os programas se mostraram cientes dos processos e disponibilizaram mais funções, como aumento da quilometragem e avisos sobre vacinação

Considerações finais

Por fim, conclui-se que o estudo obteve resultados satisfatórios, oportunizando análises que contribuem, de maneira significativa, para observações no campo do desejo sexual e/ou afetivo. A presente pesquisa colabora com estudos futuros sobre a expressão de homens *gays* em aplicativos de geolocalização e será continuada, com o intuito de promover discussões que ofereçam suporte à investigação em tela, buscando um cenário mais amplo e preciso sobre a forma como os sujeitos contemporâneos vivenciam seus desejos afetivos e/ou sexuais nas plataformas *on-line*.

O objetivo do próximo projeto é explorar a dinâmica da busca por parceiros/as no contexto da pandemia de Covid-19 e a relação com comportamentos de apego, atitudes sexuais e motivação para o uso de aplicativos de geolocalização. Para tanto, as informações serão coletadas através de formulários eletrônicos contendo um conjunto de medidas.



Referências

BITTENCOURT, R.N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.19, n.221, p.168-178, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827>. Acesso em: 26 nov. 2023.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC. Provedores 2017. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2018. Disponível em: https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_dom_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

COZER, C. Aplicativos de relacionamento registram crescimento durante pandemia. **Consumidor Moderno**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/04/01/aplicativos-relacionamento-pandemia>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FREIRES, L.A. *et al.* “Muito prazer, sou...”: desejos online em Terras de “cabra macho”. In: BATISTA, L. **Por um Nordeste desdobrado**: veredas e devires da pesquisa em Psicologia. Maceió: Edufal, 2023. p.138-150.

GUERRA, V.M. *et al.* Ser homem é...: adaptação da Escala de Concepções da Masculinidade. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v.19, p.155-165, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100015>. Acesso em: 05 mar. 2021.

GUIMARÃES, L. Como o isolamento social potencializa nossa dependência da tecnologia. **Consumidor Moderno**. São Paulo,



2020. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/03/20/isolamento-social-tecnologia>. Acesso em: 05 mar. 2020.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018**: perfil das despesas no Brasil: indicadores selecionados. Rio de Janeiro: Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101761.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PINO, A.M.O. **Diversidade sexual e educação**: direitos LGBTs no IFRN Macau. 2016. 144f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2016.

RATINAUD, P.; MARCHAND, P. Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux”: analyse du “Cable Gate” avec Iramuteq. In: JOURNEES INTERNATIONALES D’ANALYSE STATISTIQUE DES DONNEES TEXTUELLES, 11., 2012, Paris. **Anais...** Paris, 2012. p.835-844.

SANTOS, S.C. Imersões, fluxos e desafios em uma etnografia no Tinder. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.29, n.2, e175168, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175168>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SILVA FILHO, J.A.C. *et al.* In: DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2019.

TIMMERMANS, E.; CALUWÉ, E.D. To Tinder or not to Tinder, that’s the question: an individual differences perspective to



Like use and motives. **Personality and Individual Differences**, [S.l.], n.110, p.74-79, jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.01.026>. Acesso em: 13 ago. 2021.



CAPÍTULO 7

Relatos de homens gays e bissexuais sobre o uso do 'TAP' e do 'Like' durante e pós-pandemia da Covid-19

Arthur Silva Lima

Eduardo Wesley Marcolino da Silva

Layrtthon Carlos de Oliveira Santos

Introdução

Neste capítulo, objetiva-se discutir dados de um estudo empírico cujo foco foi conhecer a dinâmica da busca por parceiros/as/es de homens *gays* e bissexuais em aplicativos de geolocalização, especificamente no contexto da pandemia da Covid-19, considerando homens usuários dos aplicativos TAP e *Like*, através de relatos de experiências avaliadas como positivas e negativas.

Como ponto de partida, considera-se que a busca por se relacionar afetiva e sexualmente parece ser algo inerente à espécie humana. Com o surgimento da internet, os modos de relacionar-se foram se adaptando e sendo impactados com novas possibilidades de interação *on-line* (Miskolci, 2017; Coleta; Coleta; Guimarães, 2008).

Diante disso, aplicativos de relacionamento vêm se tornando cada vez mais populares. Essas tecnologias geossociais



operacionalizadas por *smartphones* e demais dispositivos móveis são desenvolvidas de modo a possibilitar que múltiplas conexões sejam firmadas entre indivíduos de diferentes grupos sociais, geograficamente próximos ou não (Paranhos; Nery, 2020).

Tais aplicativos permitem que as pessoas se relacionem romântica ou sexualmente. Um dos mais populares na atualidade é o *Like*, criado em 2012 por estudantes da Universidade do Sul da Califórnia. A ferramenta promove uma forma rápida de engajamento em uma conversa com pessoas que indiquem interesse mútuo (do Corral Vieira, 2016).

Além do *Like*, outro aplicativo que ocupa posição de alta popularidade entre membros da comunidade LGBTPQIAN+ é o TAP. Criado ainda em 2009, por Joel Simkhai, o programa foi pioneiro em pensar um espaço virtual de socialização específico para homens *gays* e bissexuais. Desde então, estabeleceu-se como referência de *software* de relacionamento entre essa população, com milhões de usuários/as/es espalhados/as/es por todo o mundo (Miskolci, 2017).

A existência desses aplicativos direcionados especificamente para integrantes da comunidade LGBTPQIAN+ se justifica pela marginalização que essa população sofre em ambientes de relação e interação social reais. É nesses espaços virtuais que indivíduos que não declaram publicamente sua orientação sexual, situação popularmente conhecida como estar “no armário”, têm a possibilidade de vivenciar um contato distinto da norma heterossexual, dada a possibilidade de estabelecer



uma interação direta, sem necessariamente precisar expor sua identidade (Miskolci, 2009; Sedgwick, 2007). Lésbicas, *gays* e bissexuais têm, significativamente, mais probabilidade de flertar de modo *on-line* e de usar *sites* e aplicativos de relacionamento do que pessoas heterossexuais (Johnson; Vilceanu; Pontes, 2017).

A utilização de meios virtuais para se relacionar foi intensificada com o surgimento do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 (Silva Junior, 2021). A quarentena fez com que aplicativos como o TAP e o *Like* tivessem um aumento do número de usuários (Tecchio, 2020).

Diante desse cenário, realizou-se uma investigação empírica com o objetivo de entender as experiências positivas e negativas vivenciadas por homens *gays* e bissexuais usuários do TAP e do *Like* no cenário pandêmico. No tópico seguinte, será exposto como tal investigação foi realizada, para, então, discutir seus achados.

Informações sobre a pesquisa

A pesquisa seguiu abordagem qualitativa e de cunho exploratório. Participaram 25 homens, sendo que 13 se declararam homossexuais e 12, bissexuais. Oito participantes afirmaram fazer uso exclusivamente do *Like*, três disseram usar apenas o TAP e 14 relataram que utilizam ambos os aplicativos. No que diz respeito aos dados demográficos, a média de idade dos participantes foi de 26,6 anos, e a maioria deles era formada por solteiros (80%) e residentes no Estado de Alagoas (72%).



Como ferramenta de coleta de dados, os partícipes responderam, em um formulário *on-line*, além de um questionário sociodemográfico, a três questões abertas, relacionadas às suas experiências no uso dos dois aplicativos de geolocalização durante o período da pandemia da Covid-19. A primeira pergunta era a respeito das experiências avaliadas como positivas; a segunda, sobre experiências avaliadas como negativas; a terceira, sobre a experiência geral de utilização dos aplicativos. Devido à não obrigatoriedade de resposta dessas questões no formulário, alguns respondentes – de maneira alternada – optaram por deixar certos campos em branco, resultando em 22 respostas válidas em cada *corpus*.

Já para a análise dos dados, foi utilizado o *software* Iramuteq. Foram realizadas nuvens de palavras e análises de similitude, uma para cada conjunto de respostas dadas às três questões. A primeira análise permite verificar quais são os termos que se destacam nas falas dos sujeitos sobre o tema questionado, sendo, portanto, mais representativos os resultados, permitindo inferir e discutir sobre eles; já a análise de similitude permite observar as conexidades entre os termos empregados, ampliando a compreensão do conteúdo dos discursos (Camargo; Justo, 2013). Os gráficos dessas análises podem ser solicitados aos autores deste capítulo. Nas seções seguintes, busca-se apresentar e discutir os dados obtidos para cada uma das três questões feitas aos participantes.



Usando o TAP e o Like durante a pandemia da Covid-19: experiências positivas

O *corpus* textual relativo às experiências positivas no uso dos referidos aplicativos foi constituído por um total de 1.806 vocábulos. A nuvem de palavras resultante da análise dessas experiências evidenciou que os termos mais empregados nas respostas foram “conhecer”, “amigo”, “aplicativo”, “encontrar”, “conversar” e “Like”.

Os termos “conhecer”, “encontrar” e “conversar” permitem perceber os objetivos dos indivíduos da pesquisa, isto é, a busca pelo estabelecimento de laços. É interessante a presença do vocábulo “amigo” entre os mais utilizados, indicando que mesmo popularmente conhecidos como aplicativos para construir relações sexuais casuais, existe a possibilidade da construção de amizades entre os usuários dos *softwares*. Nessa ocasião, o *Like* foi o único programa a aparecer entre os termos predominantes sobre as experiências positivas, o que nos leva a entendê-lo como um espaço virtual propício ao desenvolvimento de relações afetivas positivas.

Foram observadas conexões entre os termos “conhecer”, “namorado”, “aplicativo”, “relacionamento”, “encontro” e “apaixonado”. Essas conexões representam que homens *gays* e bissexuais acham nesses espaços virtuais, principalmente no *Like*, alternativas para o começo da construção de relações afetivas bem-sucedidas. Nessa direção, Miskolci (2017) reforça que ambientes



virtuais de interação proporcionam novas possibilidades de criar contato de forma autônoma e segura, em especial para pessoas que se inserem em um cotidiano regido pela demanda heteronormativa, que coloca em situação de retaliação social sujeitos que se interessam por outros do mesmo gênero.

Usando o TAP e o *Like* durante a pandemia da Covid-19: experiências negativas

No que se refere às experiências negativas do uso do TAP e do *Like*, durante a pandemia, por homens *gays* e bissexuais, obteve-se, nesta pesquisa, um conjunto de respostas formado por 1.778 palavras, sendo as mais evocadas nos discursos: “triste”, “aplicativo”, “encontrar”, “conversar”, “ficar”, “TAP” e “bloquear”.

Nesses discursos, apenas o TAP figurou nos relatos sobre as experiências negativas. O aplicativo, destinado a minorias sexuais, apresenta-se como alternativa a outras mídias sociais não só em termos de interface, mas também da articulação entre afetividade, identidades de gênero e performances sexuais (Paranhos; Nery, 2020).

A aparição dos termos “TAP” e “bloquear”, bem como “corpo”, “foto”, “sumir” e “fake”, permite fazer uma discussão sobre a influência do campo estético e identitário dentro do aplicativo. Embora o uso de fotos seja comum em *softwares* de relacionamento, naqueles voltados ao público homossexual ou bissexual masculino, essas imagens, assim como as descrições



personais, evocam posturas que corroboram com construções sócio-históricas que reforçam padrões hegemônicos de uma masculinidade tipicamente viril.

Destarte, é performada e buscada uma identidade de “macho”, que se afasta e rejeita o que é tido como “feminino” e sujeitos considerados “afeminados”, ao passo que, quando esse ideal de virilidade não é encontrado, as interações podem chegar a um fim, dando sentido ao termo “bloquear”. Para Freires *et al.* (2023), os padrões opressivos relativos às dissidências sexuais e de gênero operam sob o núcleo de uma cis-heteronorma que, por sua vez, a partir de noções binárias, imprime nos corpos dos sujeitos LGBTQIAPN+ parâmetros de validação sócio-afetiva rigorosamente relativos aos critérios de masculinidade e feminilidade.

É importante considerar que as características relacionadas às performances de gênero reverberam no modo como os indivíduos são socialmente lidos e expostos a enquadramentos de violência e negação a espaços de afeto (Freires *et al.*, 2023). Essa dinâmica de exclusão dentro de aplicativos de relacionamento pode resultar em um adoecimento psíquico, na medida em que as interações são permeadas por expectativas e demandas heteronormativas e hegemonicamente masculinas, o que é representado pelas conexidades entre os termos “aplicativo”, “não consigo”, “psicológico” e “tratamento” (Sousa; Santos Junior; Mota, 2021; Paranhos; Nery, 2020; Miskolci, 2017).



Usando o TAP e o *Like* durante a pandemia: experiências gerais de utilização

O último *corpus* textual, relativo às experiências de utilização do TAP e do *Like* em geral, integrou 1.334 palavras. Os termos mais frequentes nas falas dos usuários foram: “Like”, “TAP”, “encontrar”, “cuidado”, “para conhecer pessoas” e “sexo”. Devemos esclarecer que, nessa ocasião, os respondentes puderam descrever livremente o funcionamento desses espaços.

Infere-se, a partir dos termos “encontrar” e “para conhecer pessoas”, a reafirmação de que esses aplicativos se configuram como ferramentas virtuais de socialização para homens *gays* e bissexuais. Contudo, as palavras “cuidado”, “sexo”, “tóxico” e “casual”, que também aparecem nos resultados, embora com menor ênfase, indicam que esses aplicativos podem ser também espaços hostis que levam à necessidade de cautela frente à dinâmica das práticas sexuais casuais.

Deve-se, ainda, atentar à conexão entre os termos “Like”, “aplicativo” e “para inflar o ego”. Essa conexidade leva a entender que, por mais que esses aplicativos tenham como principal finalidade permitir que o indivíduo conheça novas pessoas, podem ser utilizados por outras motivações. Em um ambiente onde a aparência e os atributos pessoais são supervalorizados, pode-se buscar constituir uma idealização do que se é e do que se deseja ser, através de fotos e descrições de si, envolvendo aspectos como a autopercepção e a autoestima.



Considerações finais

Neste capítulo, buscou-se analisar o que homens *gays* e bissexuais relatam acerca de suas experiências no uso de aplicativos de relacionamento no período da pandemia da Covid-19, especificamente o *Like* e o TAP.

Foi observado que esses ambientes virtuais de relacionamento se configuram como espaços para que homens *gays* e bissexuais exerçam sua sexualidade, facilitando o contato inicial com prováveis parceiros de maneira relativamente segura. Um elemento positivo constatado foi a possibilidade do estabelecimento não apenas de relacionamentos amorosos, mas de potenciais amizades, importantes para a socialização desses indivíduos. O principal elemento negativo relatado é a interrupção ou mesmo o bloqueio do contato, geralmente quando a imagem ou o perfil de um indivíduo não corresponde às expectativas ou desejos de outro, por destoar dos padrões cis-heteronormativos que reforçam a imagem do homem “macho”, isto é, viril, ao passo que condenam o feminino.

A disparidade entre os aplicativos *Like* e TAP é outro aspecto interessante notado nos discursos desses usuários. Enquanto o *Like* é atrelado a experiências positivas, em que se buscam relacionamentos perenes, o TAP é geralmente relacionado a encontros efêmeros, rápidos e superficiais, com foco no sexo casual. Apesar desses aplicativos serem concebidos como espaços que viabilizam o estabelecimento de relações sociais, amorosas



ou de amizade, são também representados como potencialmente hostis, o que leva seus integrantes à necessidade de cautela ao conhecer outras pessoas.

A literatura relata como espaços virtuais destinados a homens *gays* e bissexuais surgem como uma possibilidade de existir “fora do armário”, mesmo que virtualmente. Acontece que muitas das dinâmicas normativas que constituem esse “armário” são reproduzidas quando um ideal hegemônico de masculinidade é alimentado, excluindo corpos, identidades de gênero e sexualidades dissidentes (Sousa; Santos Junior; Mota, 2021; Paranhos; Nery, 2020; Miskolci, 2017).

Um fator importante a ser levado em consideração foi a não aparição significativa do tema da pandemia da Covid-19 nos relatos sobre as experiências de uso do TAP e do *Like* nesse período. Apesar desses aplicativos continuarem a ser utilizados no período de isolamento social, não foram relatados elementos como a imunização ou os cuidados para não contrair o SARS-CoV-2 e suas variantes diante da possibilidade de encontros reais. Consoante a isso, Silva Júnior, Ramos e Côrrea (2022), em um estudo sobre sociossexualidade e comportamento sexual de homens durante a pandemia da Covid-19, constataram que os homens não heterossexuais apresentam maior possibilidade de comportamentos sexuais de risco (principalmente no que diz respeito à exposição por infecções sexualmente transmissíveis e ao contágio de Covid-19), bem como a busca por eventuais trocas relacionais sem envolvimento afetivo, principalmente



no que se refere ao sexo sem compromisso. Outrossim, é possível atestar que as estruturas sociais de segregação a corpos dissidentes repercutem diretamente no modo como estes sujeitos experienciam a rejeição e a negação de afetos duradouros.

Os autores apontam ainda que as condições socioambientais de deslegitimação da orientação sexual de homens *gays* e bissexuais, advindas da necessidade de ocultação e repressão de seus desejos sexuais, ampliam a possibilidade de trocas relacionais sigilosas e consequentes potenciais práticas de risco. Estas, por sua vez, desconsideram as estratégias de cuidados e proteção à saúde (Silva Júnior; Ramos; Côrrea, 2022).

Em conclusão, os dados aqui discutidos somam à literatura sobre o uso desses aplicativos, mas não encerram o assunto, de modo que mais estudos são urgentes e necessários para um conhecimento mais amplo das dinâmicas desses espaços.

Referências

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.21, n.2, p.513-518, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751532016.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

COLETA, A.S.M.D.; COLETA, M.F.D.; GUIMARÃES, J.L. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet. **Psicologia em Estudo**, [S.l.], v.13, n.2, p.277-285, jun. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722008000200010>. Acesso em: 19 jul. 2022.



DO CORRAL VIEIRA, M. Vigilância e anonimato em aplicativos mobile: um estudo sobre a privacidade em relações homoafetivas no digital. **Liinc em Revista**, [S.l.], v.12, n.2, 2016. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3718>. Acesso em: 25 ago. 22.

FREIRES, L.A. *et al.* "Muito prazer, sou...": desejos online em Terras de "cabra macho". In: BATISTA, L. (Org.). **Por um Nordeste desdobrado**: veredas e devires da pesquisa em Psicologia. Maceió: Edufal, 2023. p.138-150.

JOHNSON, K.; VILCEANU, M.O.; PONTES, M.C. Use of online dating websites and dating apps: findings and implications for LGB populations. **Journal of Marketing Development and Competitiveness**, [S.l.], v.11, n.3, 2017. Disponível em: <https://articlegateway.com/index.php/JMDC/article/view/1623>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, R. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade na era da internet. **Gênero**, Florianópolis, v.9, n.2, p.171-190, 2009. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/27042011-02292814artigomiskolcirichard.pdf>. Acesso em: 30 nov 2023.

PARANHOS, M.A.V.O.; NERY, M.S.S. Os usos sociais dos aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no Recôncavo Baiano. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v.6, n.4, p.200-227, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37509>. Acesso em: 23 jul. 2022.



SEDGWICK, E.K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.28, p.19-54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SILVA JUNIOR, A.O. "E vamos de webnamoro!": (re) aprendizagens amorosas/sexuais em tempos de Covid-19 no Tinder.

Comunicologia: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, v.14, n.1, p.140, 07 ago. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/comunicologia.v14i1.12796>. Acesso em: 25 ago. 22.

SILVA JÚNIOR, M.D.; RAMOS, M.M.; CORRÊA, H.V.V. Sociosexuality and sexual behavior in men during the Covid-19 pandemic.

Trends in Psychology, [S.l.], 15 nov. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s43076-022-00244-w>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SOUSA, A.R.; SANTOS JUNIOR, F.J.N.; MOTA, T.N. Expressões de masculinidades de homens usuários do aplicativo Grindr.

Cadernos de Gênero e Diversidade, Salvador, v.6, n.3, p.57-76, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/36424>. Acesso em: 23 ago. 2022.

TECCHIO, M. Quarentena movimentada: apps como Tinder e Happn têm aumento de acessos. **CNN Brasil Business**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/05/13/durante-isolamento-apps-como-tinder-ehappnregistram-aumento-nas-interacoes>. Acesso em: 20 ago. 2022.



CAPÍTULO 8

Usuários do 'bare'? Processos de adoção e rejeição de estratégias profiláticas às ISTs no 'TAP'

Cristóvão Alves de Souza Filho

Leogildo Alves Freires

Layrtthon Carlos de Oliveira Santos

Introdução

Este capítulo tem como objetivo discutir os processos de adoção e rejeição de estratégias profiláticas por usuários do TAP. Para isso, será utilizada parte dos dados de um estudo ainda em execução, que tem por finalidade descrever os comportamentos sexuais mais recorrentes entre usuários do referido aplicativo nas nove capitais do Nordeste brasileiro. *Bare* ou *bareback* é o termo empregado para indicar o sexo entre homens sem preservativo e com troca de fluidos corporais, prática que vem sendo popularizada ao longo dos últimos anos, na esteira dos avanços em torno do tratamento para as pessoas vivendo com HIV.

Mudanças na sexualidade de pessoas vivendo com HIV e o cenário atual no Brasil

O impacto do início da pandemia de HIV/Aids nas décadas de 1980 e 1990 continua a refletir na sociedade, sobretudo



entre a comunidade *gay* e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). Nos primeiros anos, muitas dúvidas surgiram, mas poucas respostas foram encontradas. Como resultado, o uso do preservativo tornou-se essencial para garantir o sexo seguro. A partir daí, tanto a comunidade médica quanto a sociedade em geral passaram a enfatizar a importância da responsabilidade individual diante da situação. Entretanto, se em meados dos anos 1990 receber o diagnóstico positivo para o HIV era uma sentença com sérias implicações para a saúde, ao longo dos últimos anos, os avanços na ciência médica tornaram-no uma condição crônica controlável. O acesso ao tratamento como prevenção (TcP) – que reduz a carga viral do indivíduo a níveis indetectáveis ($I = I$, indetectável = intransmissível) – e o surgimento de novas tecnologias de prevenção, como a profilaxia pré-exposição (PrEP) e a profilaxia pós-exposição (PEP), transformaram o modo como pessoas vivendo com HIV lidam com a própria sexualidade, tendo impactado também a perspectiva da sociedade sobre o tema, visto que diminuíram os medos de transmissão do vírus nas relações sexuais (Ashford; Morris; Powell, 2020).

No Brasil, a taxa de detecção de novos casos de HIV e Aids vem decaindo na última década, com exceção da população de homens que fazem sexo com homens (HSH), que apresenta um aumento progressivo do número de casos. Em 2021, o público masculino representou a maioria dos casos de HIV e Aids no País em todas as faixas etárias, principalmente devido à transmissão sexual, com HSH sendo o grupo mais afetado (Brasil, 2023).



Esses dados levantam questões não apenas sobre a eficácia das políticas de prevenção, mas também sobre as mudanças no comportamento sexual dos indivíduos ao longo dos últimos anos.

Pornografia e *chemsex*

Não é possível afirmar o momento exato em que a preocupação com o uso do preservativo deixa de ser proeminente entre a população HSH, visto que, ainda hoje, são sentidos os reflexos de todo o estigma alimentado pelo início da pandemia da Aids. Brennan (2018) aponta que, na pornografia *gay* masculina, por exemplo, o uso de camisinha tem diminuído desde o final da década de 1990. O que antes era pornografia de nicho passou a ser preferência entre os consumidores desse tipo de produção. Entre os 10 *sites* internacionais mais visitados de pornografia *gay*, apenas um permanece divulgando produções em que os atores utilizam preservativo.

Além disso, a popularização de práticas como o *chemsex*, que consiste no sexo sob efeito de substâncias, também pode implicar maior exposição ao risco de sexo desprotegido. Uma pesquisa conduzida com 2.361 HSH no Brasil e em Portugal durante o isolamento social devido à Covid-19 revelou que 53% dos participantes afirmaram ter tido sexo casual nesse período. Destaque-se que, dentre aqueles que mantiveram relações casuais, 69,8% relataram ter se envolvido em atividades sexuais sob a influência de álcool ou outras substâncias e 47,1% mencionaram ter praticado sexo *bareback* (Sousa *et al.*, 2020).



Afinal, o que é *bareback*?

Bareback, pele com pele ou “no pelo” são algumas das expressões utilizadas para nomear o sexo sem preservativo. Essa prática tem voltado a se popularizar, ao longo dos últimos anos, entre *gays* e outros homens que fazem sexo com homens, podendo estar relacionada ao surgimento de novas tecnologias de prevenção ao HIV que tornaram a prevenção e o tratamento mais acessíveis.

Segundo Bonfante (2022), há um debate em torno da definição de *bareback*, que pode ser interpretada como a prática de receber sêmen no ânus e na boca, a penetração sem uso de preservativo ou até mesmo uma forma de intimidade sexual mais direta, pele com pele. De acordo com o autor, independentemente da interpretação, a troca de fluidos sexuais é um elemento intrínseco ao conceito de *bareback*.

Nessa direção, Lima e Couto (2021) pontuam que existem duas perspectivas para o estudo da prática *bareback*. A primeira considera esse comportamento como uma escolha deliberada de não usar preservativo durante o sexo, sendo visto como uma transgressão das normas de saúde pública relacionadas ao sexo seguro. A segunda perspectiva examina o *bareback* de maneira mais subjetiva e sociocultural, destacando a intenção de experimentar um sexo mais livre como fuga dos discursos que relacionam sexualidade homossexual a processos de adoecimento.



“Só fodo sem camisinha”: uma análise de perfis de usuários do TAP

Neste estudo, ainda em execução, pretende-se descrever os comportamentos sexuais mais recorrentes entre HSH usuários do TAP nas nove capitais do Nordeste brasileiro. A escolha de focalizar o Nordeste é motivada pelo fato de que, em 2021, ele fez parte das quatro regiões com maior incidência de casos de exposição ao HIV entre HSH, apesar da subnotificação de casos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) (Brasil, 2023).

OTAP é um aplicativo utilizado para a busca de parcerias do mesmo sexo, que reconhece as pressões sociais existentes sobre as relações homossexuais e busca ofertar um espaço seguro para que os indivíduos possam explorar os próprios desejos, sem medo de retaliação (Freires *et al.*, 2023).

Conduziu-se um estudo piloto, de enfoque quanti-qualitativo, em que foram coletadas informações de 500 perfis de usuários do TAP, via *smartphone*, em cinco capitais do Nordeste: Aracaju/SE, João Pessoa/PB, Maceió/AL, Recife/PE e Salvador/BA. A coleta ocorreu no período de 15/04/2023 a 20/05/2023 e foi utilizada a versão XTRA do aplicativo, que permite visualizar até 600 perfis/dia. Foi garantido o anonimato dos usuários e assegurada a não identificação dos perfis. As informações coletadas foram reunidas e, em seguida, processadas pelo *software* Iramuteq, para



que fosse gerada uma análise lexical simples, com o objetivo de facilitar a compreensão dos resultados obtidos.

O TAP oferece categorias pré-definidas de respostas para alguns dos fatores contidos nos perfis de usuários, e também um espaço para que escrevam aquilo que desejarem. Entre os dados coletados, foi possível identificar, com relativa frequência, a menção ao *bareback*, seja através das categorias pré-definidas, como no fator “minhas tags”, em que a expressão “sem camisinha” apareceu em 11% dos perfis, seja através das narrativas dos próprios usuários, em que sentenças como “só fodo sem camisinha”, “gozar dentro” e “leitada no cu” também foram identificadas.

Vale mencionar que expressões de desejo na direção contrária da prática *bareback* surgiram com uma frequência ainda maior nos perfis coletados, somando 36%, e foram identificadas a partir de assertivas como “só com camisinha”, “sexo mais seguro” e “preservativo”, entre outras.

Obviamente, não é possível estabelecer qualquer relação de causa e efeito perante os resultados obtidos. Contudo, os dados trazem questionamentos que podem ser relevantes para pensar a elaboração de estratégias mais adequadas ao público HSH no âmbito de saúde pública, vigilância e promoção em saúde.

Se homens que fazem sexo com homens são, hoje, o público mais atingido pelo HIV no Brasil, como estabelecer diálogos efetivos com essa população, que compreende uma gama de identidades diversas e com posturas muitas vezes antagônicas entre si? Pois



se, por um lado, existem indivíduos que vivenciam a própria orientação sexual de maneira mais aberta, por outro, existem aqueles que moldam suas condutas e práticas de acordo com as expectativas dos outros, optando por manter suas vidas afetivas e sexuais em segredo para evitar a discriminação, o que pode aumentar as chances de exposição e adoção de comportamentos de risco (Passamani, 2015).

Diante dos avanços tecnológicos inevitáveis e entendendo que os aplicativos de relacionamento são uma importante ferramenta na busca por interação social, como utilizar esses espaços em favor da saúde de seus usuários? Qual a responsabilidade do TAP (se existe) diante do cenário que se desenha atualmente na Saúde Pública brasileira?



Sem camisinha *versus* sem proteção: parece a mesma coisa, mas não é

Por fim, os pesquisadores trazem uma provocação que parte do entendimento do conceito de prevenção combinada, que considera as singularidades dos indivíduos e o meio em que estão inseridos. Quando se fala em prevenção combinada, pensa-se em diferentes estratégias que podem ser utilizadas individualmente ou em conjunto e que não se resumem ao uso de preservativo. O tratamento como prevenção (TcP), a profilaxia pré-exposição (PrEP), a profilaxia pós-exposição (PEP), a testagem regular e o diálogo são importantes estratégias na prevenção das infecções

por HIV, disponíveis e ao alcance de todo cidadão brasileiro. Insistir no uso do preservativo como única forma de proteção válida e compreender o sexo sem preservativo, necessariamente, como sexo sem proteção pode ser uma forma de afastar o público a quem as políticas públicas buscam atingir – nesse caso, o público de homens que fazem sexo com homens. É preciso ampliar o olhar para além das estatísticas, aproximando-se das diferentes formas de ser e de exercer a masculinidade e a sexualidade, não só no ambiente virtual do TAP, mas na realidade física do mundo.

Referências

ASHFORD, C.; MORRIS, M.; POWELL, A. Bareback sex in the age of preventative medication: rethinking the “harms” of HIV transmission. **The Journal of Criminal Law**, [S.l.], v.84, n.6, p.596-614, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0022018320974904>. Acesso em: 03 set. 2023.

BONFANTE, G. Genealogia do sexo no pelo: uma revisão bibliográfica das vontades de verdade sobre a prática do bareback. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v.26, n.2, p.01-17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/38453>. Acesso em: 03 set. 2023.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/view. Acesso em: 15 abr. 2023.



BRENNAN, J. Gay porn's bareback momentum. **Journal of Homosexuality**, Londres, v.67, n.1, p.127-157, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/10.1080/00918369.2018.1525947?scroll=top&needAccess=true&role=tab>. Acesso em: 03 set. 2023.

FREIRES, L.A. *et al.* "Muito prazer, sou...": desejos online em terra de "cabra macho". In: BATISTA, L. (Org.). **Por um Nordeste desdobrado**: veredas e devires da pesquisa em Psicologia. Maceió: Edufal, 2023. p.138-150.

LIMA, D.M.; COUTO, E.S. Prazer e risco: corpos e pedagogias bareback no Twitter. **Contrapontos**, [S.l.], v.22, n.1, p.8-27, 2021. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/17871>. Acesso em: 03 set. 2023.

PASSAMANI, G.R. O casamento como "armário": histórias de um homem com conduta homossexual no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, [S.l.], n.21, p.111-135, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/KDvDppFm7pFywCY3JRncccm/?lang=pt#>. Acesso em: 03 set. 2023.

SOUSA, A.F.L. *et al.* Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens (HSH) durante período de isolamento social por Covid-19: pesquisa online multicêntrica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.36, n.12, p.1-11, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/jB5K8h7mwjC8dTWkYwjGMvg/?lang=pt>. Acesso em: 03 abr. 2023.



SEÇÃO III

VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM

CAPÍTULO 9

Wapa: desvelando um aplicativo de geolocalização para mulheres lésbicas e bissexuais

Gabrielly Maria Argolo Acioly

Marília Creisiele Santos

Cleane Lacerda do Nascimento

Introdução

A ascensão das redes sociais e da socialização nos ambientes virtuais é uma marca das formas de se relacionar com a popularização da internet e, em especial, dos *smartphones*. Na última década, popularizou-se o uso de aplicativos voltados para a dinâmica de apresentação e reconhecimento de parceiros/as de forma cada vez mais rápida, com soluções que colocam na palma da mão dos/das usuários/as a possibilidade de encontrar a pessoa ideal.

Embora existam diferentes aplicativos que contemplam vivências hétero e não hétero, como *Like* e *Happn*, ou dedicados aos homens *gays* e bissexuais, como *TAP*, *Hornet* e *Scruff*, quando se pensa em aplicativos exclusivos para mulheres, a lembrança das opções disponíveis pode não vir tão rápido à memória. Por esse



motivo, neste capítulo, objetiva-se discutir o aplicativo Wapa, cuja dinâmica se baseia na busca por parceiras de mulheres lésbicas, trans e bissexuais por meio da geolocalização.

“Falta algo”: uma percepção de segurança e identificação para usuárias do Wapa

Ainda que, na modernidade, possam ser visualizadas transformações, o desejo homossexual ainda é visto com estigma por muitos heterossexuais e, frequentemente, considerado uma imoralidade (Giddens, 1993). Nesse ponto, ter um aplicativo de relacionamentos exclusivo para mulheres LGBTQ é agregador à comunidade em termos de identificação, fortalecimento e validação do relacionamento entre mulheres. A possibilidade de construir ambientes em que os/as usuários/as estariam protegidos/as das consequências da exposição de seu desejo sexual torna a internet e os aplicativos de relacionamento ambientes propícios para a manifestação do desejo homossexual.

Anteriormente chamada Brenda, a plataforma Wapa (2023) apresenta-se como “um espaço acolhedor e livre de julgamento, onde você pode se conectar com mulheres LGBTQ com segurança”, ele conta com o recurso de fotos verificadas, em que as usuárias provam que estão se relacionando com pessoas reais. Em sua descrição, o programa afirma que: “independente de ser lésbica, trans, bi ou mulher *queer* – Wapa se empenha em fornecer um ambiente seguro e amigável para que você se junte à comunidade”.



Dessa maneira, o aplicativo surge como uma possibilidade real para a construção de um ambiente de segurança e conforto para a busca de parceiras.

O Wapa possui versão gratuita disponível nas plataformas Google Play e Apple Store. Para realizar o cadastro, os únicos requisitos são ser mulher (cisgênero, transgênero, *queer*) e ter mais de 17 anos (Wapa, 2020). O aplicativo, atualmente, está disponível em português, alemão, catalão, espanhol, francês, holandês, inglês, italiano e turco. A dinâmica de uso é simples: para criar uma conta, é preciso usar um número de celular. A verificação por *e-mail* não é necessária. Ao enviar fotos, uma equipe de moderação aprova-as, criando o perfil. A partir disso, a usuária verá uma grade de perfis em que poderá selecionar os de sua preferência e enviar uma mensagem.

Desenvolvido inicialmente na Espanha, o aplicativo também está disponível na Itália, na Coreia do Sul, no Brasil, na Turquia, no Chile e no México. O Brasil se posiciona como o terceiro país com o maior número de pessoas na plataforma dentre os listados, com 46 mil mulheres com o aplicativo ativo no Estado de São Paulo, ocupando o 6º lugar no *ranking* das cidades com o maior número de usuárias do mundo (Wapa, 2020).

As evidências apontam para uma particularidade promissora do aplicativo frente ao seu público: a construção de um ambiente em que as mulheres não sejam surpreendidas com a presença de homens dentro da plataforma. No entanto, o Wapa não deixa claro para as usuárias de que maneira é realizado o



controle dos perfis e como são feitas as revisões entre as usuárias, de modo a resguardar o que de fato prometem.

Faz-se necessário compreender que mulheres e homens não possuem relações de equidade nos modos de socialização, em especial nas interações sociais, afetivas e sexuais, uma vez que, para as mulheres, a expressão do desejo tem sido, historicamente, negada. A dominação masculina silencia o desejo feminino; as práticas narrativas e sexuais do Ocidente são, majoritariamente, protagonizadas por homens enquanto figuras dominantes na expressão de sua sexualidade, restando à mulher um único desejo possível: atender às expectativas do macho (Bourdieu, 1999).

Essa dinâmica pode parecer distante dos relacionamentos amorosos entre duas mulheres. No entanto, não é incomum que, no cotidiano da população homossexual, esses estigmas apareçam. Às mulheres lésbicas são, comumente, feitos questionamentos como “quem é o homem da relação?”, perguntas usuais que carregam consigo a negação de o desejo sexual feminino ser dirigido a algo ou alguém que não seja o homem. A descrição do Wapa parece compreender esses efeitos, ao propor um espaço exclusivo para mulheres. Entretanto, a possibilidade da busca a partir da orientação sexual não exclui a produção de estereótipos heteronormativos. O padrão rígido das relações entre homens e mulheres é responsável pela criação de papéis de conduta na experiência afetiva, sendo a atividade atributo do masculino e a passividade o dever do feminino (Giddens, 1993).



Considerações finais

É pertinente considerar que os estereótipos de gênero influenciam a forma como a sexualidade feminina é interpretada. O desejo das mulheres foi, historicamente, construído enquanto um dever de servir e ser útil (Giddens, 1993).

Outro dado que parece corroborar a distinção nos modos de relações entre homens e mulheres são os próprios números de uso desses aplicativos digitais. Segundo o *site* PagBrasil (2019), embora haja mais mulheres no Brasil do que homens (51% contra 49%), os dados da eMarketer mostram que os homens possuem mais *smartphones*. Somado a isso, em pesquisa realizada pela GlobalWeb Index (2015), com dados de 32 países, 62% dos usuários ativos nos aplicativos de relacionamento eram do sexo masculino. Dessa maneira, observa-se que os espaços de conquista e busca por parcerias tendem a ser, em sua maioria, composto por homens.

Portanto, a existência de plataformas que não estão voltadas, primordialmente, para atender aos desejos masculinos, como o caso do Wapa, possui, em sua construção – ainda que não de maneira intencional –, o potencial de transformação no modo de se relacionar entre mulheres. A construção de espaços alternativos para expressão da sexualidade e possibilidade de existir fora do “armário”, mesmo que virtualmente, é um grande aliado nesse tipo de programa.

Através do espaço dos *softwares*, surge um ambiente de aproximação para “conhecer” outras pessoas e “estar” no



aplicativo. O uso das tecnologias de paquera como ferramentas para o desenvolvimento de relações de afeto, ainda que não se desenvolvam, necessariamente, relações de romance, promove a facilidade do encontro entre pessoas de afinidades similares (Maia; Bianchi, 2014; Silva *et al.*, 2021).

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Edunesp, 1993.

GWI SOCIAL. **Global Web Index's quarterly report on the latest trends in social networking Q3 2015 summary**. Nova York: Global Web Index, 2015. Disponível em: https://www.gwi.com/hubfs/Reports/GWI_Social_Report_-_Q3_2015_Summary.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

MAIA, J.; BIANCHI, E. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff, redes geosociais gays. **Logos**, Rio de Janeiro, v.2, n.24, 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2014.14157>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PAGBRASIL. **Mobile no Brasil**: estatísticas de uso e perfil do usuário. [S.l.], 14 mar. 2019. Disponível em: <https://www.pagbrasil.com/pt-br/noticias/mobile-no-brasil>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, K.R. *et al.* As relações amorosas de jovens manauenses no aplicativo de namoro Tinder. **Research, Society and**



Development, Vargem Paulista, v.10, n.13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21321>. Acesso em: 30 nov. 2023.

WAPA. **Media Kit**. [S.l.], 2020. Disponível em: https://wapo.dating/downloads/wapx_mediakit_2020.pdf. Acesso em: 22 ago 2023.

WAPA. **Terms of Service**. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://apps.apple.com/us/app/wapa-lesbian-dating-chat/id964163407>. Acesso em: 22 ago. 2023.



CAPÍTULO 10

A expressão do desejo afetivo e/ou sexual de mulheres lésbicas no Nordeste: uma análise de perfis do *Like* e do Wapa no contexto pandêmico

Cleane Lacerda do Nascimento

Introdução

Em face do cenário de expansão dos modos de socialização disponibilizados no ciberespaço, muitos olhares para os relacionamentos estabelecidos nesses espaços estão sendo desenvolvidos, uma vez que os aplicativos focados em interações sociais são amplamente popularizados. Dentre as interações possíveis pelas redes de comunicação, está a procura por parcerias afetivas românticas e/ou sexuais. O uso de tecnologias para a busca de pessoas com quem namorar não é tão recente, mas tem sido popularizado com o surgimento de aplicativos específicos para essa finalidade. O mais popular deles, no Brasil, é o *Like*, de 2013. Seu funcionamento baseia-se na localização geográfica e no compartilhamento de perfis de pessoas seguindo os critérios de gênero, idade e distância estabelecidos por suas/seus usuárias/os.

Embora o *Like* não se limite à busca por parcerias heterossexuais, outras ferramentas, de funcionamento similar, foram desenvolvidas para alcance de públicos específicos, como,



por exemplo, o Wapa, destinado ao encontro de parcerias homossexuais entre mulheres. A existência de um aplicativo que limite a possibilidade de construção dos encontros entre mulheres demonstra o potencial do ciberespaço para estruturação de espaços alternativos para expressão da sexualidade. No entanto, para além da construção desses ambientes, é importante entender como estão se dando as experiências das usuárias nesses aplicativos.

Diante disso, neste capítulo, objetiva-se apresentar os resultados de um estudo empírico realizado no contexto da pandemia da Covid-19, considerando mulheres lésbicas e bissexuais que utilizaram os aplicativos de relacionamento *Like* e Wapa, com o propósito de conhecer as narrativas e vivências que se construíram dentro desse ciberespaço.



Informações sobre a pesquisa

A pesquisa foi realizada com 47 mulheres, tendo nove se declarado lésbicas e 38, bissexuais. Todas relataram fazer uso do *Like*, enquanto apenas quatro participantes afirmaram utilizar o Wapa. No que diz respeito aos dados demográficos, a maioria era solteira (86%), residente no Estado de Alagoas (45%) e branca (42,55%).

Como ferramentas de coleta de dados, as participantes responderam a, além de um questionário sociodemográfico, três questões abertas, em um formulário *on-line* com perguntas

relacionadas às suas experiências no uso dos dois aplicativos de geolocalização durante o período da pandemia da Covid-19. As questões foram distribuídas em três blocos. No primeiro, solicitaram-se vivências associadas às experiências avaliadas como positivas; no segundo, experiências avaliadas como negativas e, no terceiro, a experiência geral de utilização desses aplicativos.

Para a análise dos dados, optou-se por empregar o *software* Iramuteq, realizando tanto a criação de nuvens de palavras quanto análises de similitude. Cada conjunto de respostas referentes às três questões foi submetido a essas análises. A primeira abordagem, das nuvens de palavras, permite identificar os termos proeminentes nas falas dos participantes sobre o tópico em questão. Esses termos representativos dos resultados auxiliam na inferência e discussão dos achados. Por outro lado, a análise de similitude proporciona a visualização das conexões entre os termos utilizados, aprofundando a compreensão do conteúdo das respostas (Camargo; Justo, 2013).

Caso haja interesse, os gráficos provenientes dessas análises estão disponíveis mediante solicitação à autora deste capítulo. A seguir, serão abordadas a apresentação e a discussão dos dados coletados para cada uma das três perguntas feitas às participantes.



Usando o *Like* e o Wapa durante a pandemia da Covid-19: experiências positivas

Este bloco aglutina as respostas para a questão “Que história ou episódio no aplicativo você considera positiva?”. O *corpus* desse material possuía 2.589 ocorrências (palavras, formas ou vocabulários), correspondendo a 774 palavras diversas e 460 com uma única ocorrência.

Referente às experiências positivas, destacam-se, no centro da imagem, as palavras “conhecer”, “estar”, “Like”, “sair”, “encontro”, “conversar”, “amizade” e “ficar”, respectivamente. Observa-se, nessa sequência, que o espaço dos *softwares* surge, em primeiro lugar, como ambiente de aproximação para “conhecer” outras pessoas e de “estar” no aplicativo também. Na sequência, é possível notar a saída do ambiente virtual para o encontro físico, movimento acompanhado das palavras “conversar”, “amizade” e “ficar”.

Embora a nuvem destaque a frequência, e não a conectividade entre as palavras, tal organização converge com achados da literatura que consideram o uso das tecnologias de paquera como ferramentas para o desenvolvimento de relações de afeto. Ainda que não se desenvolvam, necessariamente, como relações de romance, o ambiente virtual promove a facilidade do encontro entre pessoas de afinidades similares (Maia; Bianchi, 2014; Silva *et al.*, 2021).

Ao realizar-se a análise de similitude, foi possível observar a conexão entre as palavras de destaque do *corpus*, cujos resultados



indicaram os vocábulos “conhecer” e “estar” como dois núcleos de oposição, um em cada ponto. A primeira palavra, “conhecer”, associada à busca ou ao estabelecimento de uma amizade com a conexão com palavras como “amigo”, “aplicativo”, “encontrar”; já o termo “estar” enlaçou-se com “ficar”, “namorando”, “conversar” e “relacionamento”. Dessa maneira, pode-se pensar em dois ambientes da experiência: o da busca até encontrar alguém no aplicativo e o do encontro e da relação romântica.

De todo modo, as experiências positivas parecem estar associadas a encontros em que as usuárias conseguiram desenvolver algum tipo de relação ou estabelecer algum vínculo, dentro ou fora do aplicativo.

Usando o *Like* e o Wapa durante a pandemia da Covid-19: experiências negativas

Neste bloco, será observado o material fruto dos relatos referentes à questão “Que história ou episódio no aplicativo você considera positiva?”. O material apresentou 1.659 ocorrências (palavras, formas ou vocabulários), correspondendo a 619 palavras diversas e 414 com uma única ocorrência.

Na nuvem de palavras, destacam-se “estar”, “conversar”, “casa”, “amigo”, “dar”, “sexo”, “começar” e “triste” como os termos de maior frequência, respectivamente, nos relatos sobre as experiências negativas. Apesar de se repetirem elementos do bloco anterior, como as palavras “estar” e “conversar”, nesse momento,



foi possível notar a introdução de novas expressões, como “casa”, “sexo” e “triste”, sendo esta última a primeira a simbolizar um estado emocional descrito pelas usuárias.

Embora, ao se realizar pesquisas voltadas para as motivações quanto ao uso do *Like*, possa ser observada uma predominância no número de pessoas que buscam por sexo como finalidade principal no aplicativo (Silva *et al.*, 2021), no que se refere, especificamente, a mulheres lésbicas e bissexuais, o sexo foi mais anunciado nos relatos de experiências negativas do que positivas. Esse fragmento pode demonstrar que a busca das mulheres pode estar mais voltada para a construção de relações afetivas, uma vez que as dimensões do afeto são elementos socialmente associados à identidade feminina (Heilborn, 2004).

Deve-se destacar que essas relações sexuais não são, necessariamente, entre mulheres com outras mulheres, reforçadas pela repetição da palavra “amigo” no masculino. Outro ponto de destaque é o ambiente citado: a “casa” sobressai-se como local de experiência.

A análise de similitude ainda apresentou um núcleo principal com a palavra “estar” em seu centro, seguida de diferentes ramificações. Entre os caminhos mais longos, podem-se observar as sequências estar-casa-conversar-começar-encontrar, estar-ficar-bom-sexo-deixar e estar-triste-achar-aplicativo.



Usando o *Like* e o Wapa durante a pandemia: experiências gerais de utilização

Por fim, o terceiro bloco contou com o agrupamento das definições inseridas como resposta a “Como você descreveria o(s) aplicativo(s) para alguém que não conhece?”. O material foi composto por 931 ocorrências (palavras, formas ou vocabulários), correspondendo a 400 palavras diversas e 272 com uma única ocorrência.

A nuvem de palavras deste bloco apresenta em destaque “aplicativo”, “conhecer”, “dar”, “bom”, “estar”, “conversar”, “encontrar” e “legal” como as palavras que caracterizam o programa, respectivamente. Com essa sequência destacada, observa-se uma descrição das ferramentas de interação. Mais do que aplicativos de namoro, as usuárias os identificam como espaço para “conhecer”, “encontrar” e “conversar” com pessoas.

A análise de similitude mostrou maior distribuição na relação entre as palavras, não sendo possível observar um núcleo específico. As palavras se relacionam formando um grande e espesso ramo que as conecta desde aplicativo-conversar-encontrar-gente-bom-cuidado. Destaca-se a presença do termo “cuidado”. Embora não seja possível entender, com base nos dados atuais, ao que se refere esse cuidado supracitado, é importante observar a ressalva realizada aos aplicativos.



Considerações finais

Neste capítulo, buscou-se analisar o que mulheres *gays* e bissexuais relatam acerca de suas experiências no uso de aplicativos de relacionamento no período da pandemia da Covid-19, especificamente o Wapa e o *Like*.

Observa-se que, em seus relatos, essas mulheres estavam em busca de construir relações nesses espaços, de forma a encontrar companhia ao longo do período pandêmico. O uso de aplicativos, associado a momentos de tristeza durante esse período, também foi relatado, evidenciando que a ferramenta pode ter sido usada como refúgio diante de angústias emocionais ou geradora de alguns desses conflitos. Essa relação pode indicar implicações emocionais e de apego durante o manuseio dessas tecnologias.

É importante destacar que as vivências sexuais entre mulheres possuem uma coerção contraditória dentro do social: ao mesmo tempo em que simbolizam o pecado, são também, recorrentemente, transformadas em fetiche masculino e aceitas nessas condições. Ou seja, as relações entre mulheres são marginalizadas quando não envolvem a presença masculina (Melo, 2016). A busca, portanto, dentro dos ambientes virtuais passa, primeiro, pelo desejo do encontro e do reconhecimento entre mulheres para, posteriormente, ganhar um horizonte mais romântico.

Com essas discussões, o aparecimento da palavra “sexo” associada a experiências negativas pode indicar que o ato sexual



não passa pelas primeiras motivações para o uso dos aplicativos por essas mulheres. Esse dado pode estar associado à dificuldade de realização de encontros presenciais/sexuais ao longo da pandemia, devido às medidas de segurança que afastavam as pessoas do convívio físico.

No entanto, esse aspecto não repele o desejo da construção de um relacionamento romântico. Devem-se considerar as próprias interações de flerte e os primeiros encontros, especialmente quando já tendem a acionar nossos sistemas de apego (Mikulincer; Shaver, 2007). Dessa maneira, mesmo que o sexo não seja o principal motivador para busca nos aplicativos, as próprias interações causadas pelos dispositivos já podem ser emocionalmente carregadas.

Os resultados obtidos ao longo deste estudo, embora significativos para pôr em tela a discussão sobre os espaços de relacionamento entre mulheres lésbicas e bissexuais, não possuem pretensão de demonstração da experiência absoluta das mulheres dentro do período pandêmico. No entanto, destacam caminhos importantes para a investigação e o olhar futuro sobre a temática.

Referências

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.21, n.2, p.513-518, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 13 nov. 2023.



FIGUEIREDO, L.B. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones. 2016. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

HEILBORN, M.L. Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. In: HEILBORN, M.L. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.217-217.

MAIA, J.; BIANCHI, E. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff, redes geosociais gays. **Logos**, Rio de Janeiro, v.2, n.24, 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2014.14157>. Acesso em: 22 ago. 2023..

MELO, M.S.P. **Formas de violência contra mulheres lésbicas**: um estudo sobre percepções, discursos e práticas. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MIKULINCER, M.; SHAVER, P.R. **Attachment in adulthood**: structure, dynamics and change. Nova York: The Guilford Press, 2007.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SILVA, K.R. et al. As relações amorosas de jovens manauenses no aplicativo de namoro Tinder. **Research, Society and Development**, [S.l.], v.10, n.13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsdv10i13.21321>. Acesso em: 11 fev. 2023.



TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4.ed., rev. e ampl. São Paulo: Objetiva, 2018.

WAPA. **Terms of Service**. [S.l.], 2021. Disponível em <http://www.wapoapp.com/terms.htm>. Acesso em: 10 abr. 2021.



CAPÍTULO 11

“Quem sabe aonde isso vai levar?”: relatos de mulheres lésbicas e bissexuais usuárias dos aplicativos Wapa e *Like*

Marília Creisiele Santos

Rodolfo Duarte da Silva

Introdução

Diante do contexto de expansão dos meios de socialização disponibilizados na internet, muitos estudos estão sendo realizados em relação aos relacionamentos estabelecidos nesses espaços, uma vez que os aplicativos voltados para interações sociais são amplamente difundidos. Entre as diversas formas de interação possibilitadas pelas redes de comunicação, destaca-se a procura por parcerias românticas e/ou afetivas de cunho sexual.

Com a popularização dos *smartphones*, no final dos anos 2000, surgiu uma nova dinâmica de paquera e flerte, conhecida como *sexting*, nos Estados Unidos. Nessa abordagem, os/as usuários/as usam esses dispositivos para trocar fotos e mensagens, incluindo conteúdo sexual, na procura por parceiros/



as românticos/as e sexuais. Essa evolução na forma de interação e busca por relacionamentos também pode ter impacto nas emoções e nos padrões de atração entre grupos de diferentes gêneros e orientações sexuais. Portanto, entender essas nuances é essencial para compreender como a sociedade moderna aborda e valoriza a estética e a atração física nas relações interpessoais (Miskolci, 2017).

É válido ressaltar que a dinâmica da busca por parceiros/as varia conforme a orientação sexual e/ou a identidade de gênero de cada indivíduo, mesmo que essa questão ainda seja incipiente na literatura científica. Por isso, deve-se compreender os conceitos de identidade de gênero e sexualidade. Para Jaqueline G. de Jesus (2012), sexo é uma característica biológica, enquanto gênero é um constructo social moldado pelas diversas culturas. Gênero transcende o sexo: a determinação do que significa ser homem ou mulher não é baseada em cromossomos ou características genitais, mas na autopercepção e na maneira como uma pessoa se manifesta socialmente.

Por outro lado, a sexualidade engloba os padrões de atração emocional, romântica e/ou sexual que alguém sente em relação a outras pessoas. Uma dimensão não depende da outra, não havendo uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas. Neste capítulo, busca-se focar em mulheres cisgênero e transexuais que se relacionam romanticamente com outras mulheres, independente se sua sexualidade é bissexual, homossexual, demisssexual ou pansexual.



Além disso, no contexto da construção sócio-histórica do Brasil, cabe destacar que existem estruturas que oprimem indivíduos que não se enquadram no modelo heterossexual. O resultado dessa situação é uma expressão de negação, que fica evidente nos dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia em 2020, que classificam o País como líder mundial em homicídios LGBTQIAPN+.

Para compreender a dinâmica do relacionamento para além da sexualidade entre pares e as diversas formas de opressão e privilégio inerentes à aplicação da localização geográfica, o referencial teórico escolhido para este estudo é a interseccionalidade, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980 (Crenshaw, 2002). Collins e Bilge (2021) demonstram o uso da interseccionalidade como uma ferramenta analítica para promover a compreensão da identidade coletiva e do engajamento político. Como construção social, a identidade pode ser transformada em diferentes contextos e emergir de diversas formas de opressão. O objetivo deste capítulo é promover a compreensão da dinâmica de uso dos aplicativos Wapa e *Like* através dos relatos de mulheres lésbicas e bissexuais.

Dados sobre o estudo

A pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório. Mediante a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), contou-se com a



participação de 67 mulheres usuárias dos aplicativos Wapa e *Like*, sendo 58 delas bissexuais e 9 lésbicas.

Quanto aos instrumentos de coleta, utilizou-se um questionário estruturado composto por cinco perguntas abertas para explorar as experiências individuais das participantes nos aplicativos. É importante destacar que o preenchimento do questionário era opcional, permitindo às participantes decidir se desejavam ou não responder às questões apresentadas.

A coleta de dados foi conduzida por meio do *Google Forms*. As divulgações foram efetuadas tanto no perfil do Instagram do Laboratório Alagoano de Avaliação Psicológica e Psicometria (Lapap) quanto em colaboração com outros perfis acadêmicos. Também foram utilizadas outras redes sociais, como Facebook, Twitter e WhatsApp.

Para análise das respostas, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que permite estudar a linguagem como construção real da sociedade, proporcionando o estudo profundo do que é relatado (Rossi; Serralvo; João, 2014). Para tanto, as respostas do questionário formaram um *corpus* textual e, posteriormente, foram agrupadas em quatro unidades temáticas: “tema classe”, “pessoa”, “tema raça” e “tema requisitos”.



Experiências gerais de mulheres bissexuais e lésbicas usuárias dos aplicativos Wapa e Like

As experiências em busca da construção e expressões das identidades sexuais são intrinsecamente moldadas por diversos fatores sociais, psicológicos e culturais. A investigação delas revelou nuances cruciais que desempenham papel vital na maneira como essas mulheres entendem e vivenciam sua orientação sexual.

Diante dos dados preliminares da pesquisa, surgem discussões relevantes sobre as motivações das mulheres lésbicas e bissexuais para o uso de aplicativos de encontros. Embora os temas namoro e relacionamento tenham sido mencionados com cautela nas narrativas obtidas, percebe-se que o desejo de conexão com outras pessoas desempenha um papel central nas razões para o uso dessas ferramentas.

Após examinar a literatura, constatou-se que, mesmo quando as expectativas em relação aos aplicativos estão relacionadas a relacionamentos mais casuais, a maioria das usuárias deseja construir conexões baseadas em interesses compartilhados, seja para amizade, namoro ou relações íntimas (Silva *et al.*, 2021). Tais descobertas alinham-se com as observações iniciais desta pesquisa.

Ao focar especificamente nas mulheres lésbicas e bissexuais e considerar os motivos do uso dos aplicativos Wapa e Like, percebeu-se que as participantes mencionaram se sentir marginalizadas pela sociedade, o que as levou a procurar encontros



por meio de aplicativos e ambientes virtuais. A discriminação e o preconceito que essas mulheres enfrentam têm profundas ramificações psicológicas. Medos e preocupações relacionados à exposição ao estigma social, ao julgamento e à violência podem afetar sua saúde mental (Narin, 2016).

Nas respostas sobre melhorias no Wapa, as mulheres expressaram o desejo de usar a plataforma de forma anônima, evidenciando o desconforto causado pela marginalização de sua sexualidade. As respostas observadas na unidade temática “tema raça” enfatizam que as participantes da pesquisa também abordaram experiências de exclusão com base na raça ao usar aplicativos de encontros.

Além disso, as relações sexuais entre mulheres enfrentam pressões contraditórias na sociedade, oscilando entre tabu e fetiche masculino – frequentemente aceito. Em outras palavras, essas relações, muitas vezes, são marginalizadas quando não envolvem a presença masculina. Assim, nos ambientes virtuais, a busca por conexões e reconhecimento entre mulheres prevalece antes mesmo de assumir um caráter mais romântico (Melo, 2016).

No contexto dessas discussões, o sexo não é a principal motivação para o uso dos aplicativos por essas mulheres. No entanto, isso não diminui o desejo de construir relacionamentos românticos. É importante considerar que as interações de flerte e os primeiros encontros, especialmente quando ativam os sistemas de apego, têm importância nesse contexto. Dessa forma, embora o sexo não seja o principal impulsionador para o uso dos aplicativos,



as interações mediadas por essas plataformas podem ter impacto emocional significativo (Mikulincer; Shaver, 2007).

Em suma, a jornada das mulheres lésbicas e bissexuais na construção e expressão de suas identidades sexuais é profundamente influenciada por fatores como aceitação social, interseccionalidade, discriminação enfrentada e resiliência desenvolvida. Compreender essas experiências é fundamental para criar um ambiente inclusivo e apoiador, onde todas as identidades possam ser livres.

Considerações finais

Em particular, é crucial problematizar a invisibilidade do aplicativo de relacionamento Wapa e considerar como ela pode estar conectada às vivências de mulheres lésbicas e bissexuais. Um aspecto a ser levado em consideração é a maneira como a popularização dos aplicativos de relacionamento começou. As plataformas de encontros com geolocalização, inicialmente, conquistaram sucesso entre o público homossexual masculino, expandindo-se, posteriormente, para o público heterossexual. Entretanto, a adesão de mulheres lésbicas e bissexuais não encontra respaldo robusto na literatura (Figueiredo, 2016).

Cabe ressaltar que milhões de mulheres lésbicas e bissexuais utilizam ou já utilizaram essa ferramenta. Portanto, embora essa constatação possa justificar um eventual desinteresse por parte dessas usuárias em relação a esta pesquisa, tal argumento revela-se insuficiente.



As discussões sobre a influência da perspectiva da matriz cis-heteronormativa enraizada na sociedade brasileira, que atua como um conjunto normativo que define rigidamente papéis de gênero, caracterizando-os de maneira essencialista e binária, ancorados em pressupostos estritamente biológicos, não apenas valida os conceitos de feminilidade e masculinidade, mas também os circunscreve. É crucial acrescentar que essa matriz cis-heteronormativa é permeada por traços de branquitude, capacitismo e patologização. Dessa forma, torna-se indispensável a análise desses elementos sob a lente da interseccionalidade (Freires; Guerra; Nascimento, 2022).

A intersecção entre identidade de gênero e sexualidade emergiu como um ponto central de discussão. Antes de qualquer outra categorização dentro da comunidade LGTBQIAN+, essas mulheres são indivíduos do gênero feminino, já sujeitos à marginalização social. Acrescenta-se a esses fatores o estigma em torno da validade do desejo entre mulheres.

Com frequência, o desejo homossexual manifestado por mulheres foi erroneamente associado a experiências negativas com homens, o que levou à ideia de relações frustradas e desejos não genuínos. O próprio diálogo acerca do desejo e da sexualidade não é estimulado entre as mulheres e a expressão desses elementos é especialmente complexa para esse grupo em comparação a outros (Trevisan, 2018).

Em última análise, a compreensão das experiências das mulheres lésbicas e bissexuais na construção de suas



identidades sexuais e no uso de aplicativos de encontros é fundamental para promover ambientes inclusivos, compreender a interseccionalidade de suas vivências e contribuir para a criação de plataformas que atendam, de maneira eficaz e sensível, às suas necessidades e desejos. A análise cuidadosa dessas experiências enriquece o conhecimento sobre a diversidade de trajetórias e desafios enfrentados por essas mulheres.

No que tange às futuras pesquisas nessa área, são pertinentes investigações proporcionadas que abordem as lacunas identificadas no presente estudo. Aprofundar-se na intersecção entre identidade de gênero, orientação sexual e uso de aplicativos de encontros pode contribuir para uma compreensão mais holística das barreiras enfrentadas por essas mulheres. Birolí e Miguel, citados por Freires, Guerra e Nascimento (2022, p.391), apontam que:

A descon sideração de marcadores sociais diversos no âmbito da produção de conhecimento reduz o potencial analítico e de inferências dos dados, gerando uma sub-representação do entendimento da realidade.

Desse modo, incorporar abordagens qualitativas e interseccionais nas futuras pesquisas pode fornecer visões diretamente da voz das mulheres, enriquecendo ainda mais a compreensão dessas experiências, além de promover um panorama abrangente sobre esse público-alvo.



Referências

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 30 nov. 2023.

COLLINS, P.H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil em 2020**. Florianópolis: Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

JESUS, J.G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2012. Disponível em: <https://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/g%c3%8anero-conceitos-e-termos.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FREIRES, L.A.; GUERRA, V.M.; NASCIMENTO, A.S. Desafios e proposições para a avaliação psicológica com grupos minorizados: (des)alinhamentos sociopolíticos. **Aval. Psicol.**, Campinas, v.21, n.4, p.383-396, dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2022.2104.24166.02>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FIGUEIREDO, L.B. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smarthphones. 2016. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MELO, M.S.P. **Formas de violência contra mulheres lésbicas**: um estudo sobre percepções, discursos e práticas. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.



MIKULINCER, M.; SHAVER, P.R. **Attachment in adulthood**: structure, dynamics and change. Nova York: The Guilford Press, 2007.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NARIN, B. A netnography study about Wapa as a mobile dating application. **Moment Dergi**, Ancara, v.5, n.2, p.343-367, 2018. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/tr/download/article-file/653614>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ROSSI, G.B.; SERRALVO, F.A.; JOÃO, B.N. Análise de conteúdo. **Remark**: Revista Brasileira de Marketing, São Paulo, v.13, n.4, p.39-48, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5585/remark.v13i4.2701>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, K.R. *et al.* As relações amorosas de jovens manauenses no aplicativo de namoro Tinder. **Research, Society and Development**, [S.l.], v.10, n.13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsdv10i13.21321>. Acesso em: 11 fev. 2023.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4.ed., rev. e ampl. São Paulo: Objetiva, 2018.



SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Alessandro Teixeira Rezende é graduado em Psicologia, mestre (2019) e doutor (2021) em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente, é pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, na linha de Ciberpsicologia e Humanidades Digitais. É colaborador do Núcleo de Pesquisa em Psicometria e Psicologia Social (NPPS-UFMS).

E-mail: alessandro.teixeira.rezende@gmail.com.

Arthur Silva Lima é graduando em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Participa do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: arthur.lima@ip.ufal.br.

Cleane Lacerda do Nascimento é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Participa do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: lacerdacleane@gmail.com.



Cristóvão Alves de Souza Filho é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e mestrando em Psicologia na mesma instituição. Atua no Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires. É membro colaborador da Liga Acadêmica de Infecções Sexualmente Transmissíveis (Laist/Ufal).

E-mail: cristovaofh@gmail.com; cristovao.filho@ip.ufal.br.

Eduardo Wesley Marcolino da Silva é graduando em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atua no Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: eduardo.marcolino@arapiraca.ufal.br.

Elen de Souza Rangel é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e mestranda em Psicologia na mesma instituição. Pós-graduanda em Neuropsicologia: Avaliação e Reabilitação Neuropsicológica e em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA e ao TDI, com formação em ABA. Atua no Laboratório Alagoano em Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo prof. dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: elen.rangel@ip.ufal.br

Gabrielly Maria Argolo Acioly é graduada em Odontologia pelo Centro Universitário Cesmac e em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Tiradentes. Participou da Extensão Saúde para Pessoas LGBTQIAPN+. Tem experiência nas áreas de Comunicação Social, Odontologia Hospitalar, Odontologia para Pacientes com Deficiência e Saúde Coletiva.

E-mail: argoloacioly@gmail.com.



Heitor Marinho da Silva Araújo é doutorando em Psicologia na Universidade Federal da Bahia (Ufba) e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atua no Laboratório de Estudos dos Processos Psicológicos e Sociais (LEPPS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA.

E-mail: heitormrnh@gmail.com.

Isabellí Geovanutti Farias de Souza é graduada em Comunicação Social pelo Centro Universitário de Educação Superior da Paraíba (Uniesp) e mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É colaboradora do Laboratório Alagoano em Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: isabelli.farias@outlook.com

João Victor Pessanha Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (CRP 15-4355), pósgraduado em Neurociências pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa (Fera) e mestre em Psicologia pela UFAL. Atua como professor universitário na Uninassau/Arapiraca, no curso de Psicologia, e como psicólogo clínico em consultório.

E-mail: pessanha.psi@gmail.com.

José Anderson da Costa Silva Filho é mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e mestrando em Psicologia na mesma instituição. Atua no Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP-UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires e no Laboratório de Investigação em Cognição e Comportamento Social Instituto de Psicologia (UFAL) coordenado pela Profa. Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes.

E-mail: anderson.palmeira04@gmail.com.



Julio Cezar de Albuquerque da Costa é mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e graduado em Psicologia pela mesma instituição. Atua no no Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP-UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: julio.costa@ip.ufal.br.

Lais Rosa e Silva Oliveira Santos é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) (CRP 15-7197), pósgraduada em Psicologia Jurídica e Perícia Psicológica no Instituto de Pós-Graduação e Graduação (Ipog), gestalt-terapeuta em formação no Centro de Crescimento Humanos (CCH), membro do no Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP-UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires. Tem interesse nas áreas de Aplicativos de Geolocalização, Relações Heterossexuais, Psicometria, Saúde Mental e Avaliação Psicológica.

E-mail: lais.santos@ip.ufal.br.

Layrtthon Carlos de Oliveira Santos é doutor em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É professor do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Patos (Unifip).

E-mail: layrtthon.oliveira@gmail.com.

Leogildo Alves Freires é doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente e diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal, Campus A.C. Simões), onde coordena o Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL)



e encontra-se vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/Ufal).

E-mail: leogildo.freires@ip.ufal.br.

Luan Filipy Freire Torres é mestrando em Psicologia Cognitiva na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), pósgraduando em Neurociência do Desenvolvimento na Descomplica. É colaborador do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires, e do Grupo de Pesquisa Epistemologia e Ciência Psicológica. Desenvolve pesquisas nas áreas de Psicologia Social e Psicologia Escolar Educacional.

E-mail: luan.torres@ip.ufal.br.

Marck de Souza Torres é doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente da Faculdade Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Contextos Clínicos e Avaliativos (GPeCCA) e encontra-se vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGpsi – UFAM).
E-mail: marcktorres@ufam.edu.br

Marília Creisiele Santos é graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Atua como pesquisadora do Laboratório Alagoano de Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires. Atualmente, é bolsista de Iniciação Científica (IC) do CNPq.

E-mail: marilia.santos@ip.ufal.br.



Rodolfo Duarte da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mestrando em Psicologia pela mesma instituição e pós-graduando em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Descomplica UniAmérica. Atua no Laboratório Alagoano em Psicometria e Avaliação Psicológica (LAPAP/UFAL), coordenado pelo Prof. Dr. Leogildo Alves Freires.

E-mail: rodolfo.silva@ip.ufal.br

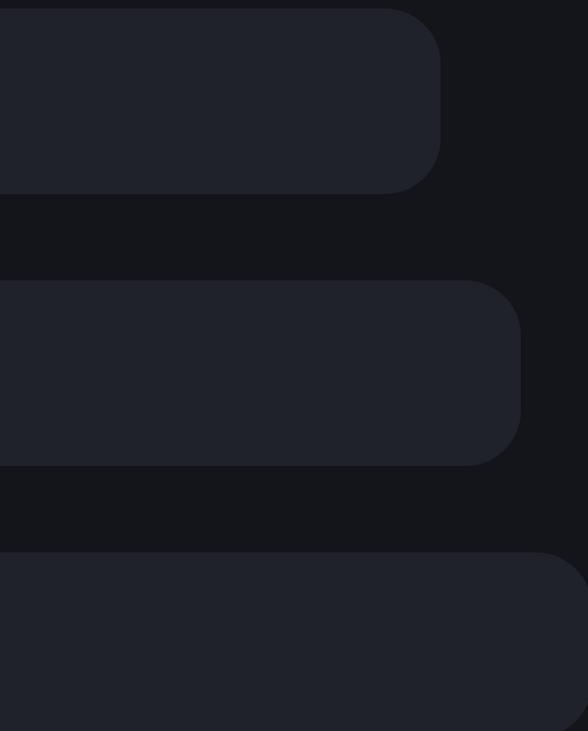
Sheyla Christine Santos Fernandes é graduada em Psicologia (2000/2001) e mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professora associada da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Tem experiência na área de Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Crenças, Atitudes e Relações Intergrupais.

E-mail: sheyla.fernandes@ip.ufal.br

Willamys da Costa Melo é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorando na mesma Universidade. É membro do Núcleo de Práticas Sociais, Estética e Política (Nupra/UFSC). Tem experiência na área de Psicologia Social, principalmente nos seguintes temas: Estudos Críticos da Branquitude; Supremacia Branca; Teoria Crítica da Raça.

E-mail: willamys.costa@gmail.com.





9 786556 242859